A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.013

Sabado, 11 de Março de 19..?

PREÇO $10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º ◇ Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhaba-Lisboa ✱ Telefone 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

No Pôrto declararam-se em greve os metalúrgicos. A greve estendeu-se a Gaia, onde está paralisado o trabalho nas oficinas. A tropa e a polícia estão de prevenção, tendo sido encerrados os sindicatos das classes em greve. As tabernas encerraram as suas portas, por ordem da autoridade.

Fechou a Fábrica Salgueiros por ter o pessoal operário declarado a greve de braços caídos.

Protestamos! Protestamos! Protestamos!

A BATALHA, protestando com tôda a sua energia, em nome dos ideais de perfectibilidade humana que defende, contra a pena de morte, repudia formalmente os atentados dinamitistas que se teem produzido.

Se a pena de morte nos repugna porque o Estado não tem o direito de matar, igualmente negamos êsse direito àqueles que — embora bem intencionados — atentam contra a vida alheia.

A pena de morte enlameia um Estado; a bomba, quando não for empregada em legítima defesa, como derradeiro recurso, enlameia um ideal

Abaixo os atentados! Abaixo a pena de morte!

ESTAVA PREVISTO!

Um plano da reacção

Vai-se consumando a «pavorosa»

O que está ocorrendo com os operários conhecidos pela sua acção ou pelas suas ideas sociais é a confirmação plena do que há dias vimos avançando. A atitude indecorosa e revoltante de alguns jornais; a maneira sistemática e cavilosa como veem atacando alguns organismos operários; o seu mal escondido furor contra as reivindicações das classes ora em greve e nomeadamente a da Carris; o comprometedor silêncio de uns jornais e a defesa encoberta de outros, da pena de morte; as medidas governamentais, as manobras do cêrco de tropas a Lisboa e a cautelosa crítica de um ou outro jornal sôbre o estranho facto; o próprio aparecimento do célebre programa do movimento das classes operárias, em que um desconhecido «Grupo Harmonia Social» preconizava o assassinato dos políticos maus e dos assambarcadores, — e que indignadamente repelimos — junto aos fantasiados boatos de greve geral revolucionária com que a imprensa tanto especulou — tudo isto e mais alguma coisa impossível de enumerar revela o tenebroso plano que nos meandros escuros das lojas políticas e nos tabernáculos da Patronal se elaborou com fins perversos.

Com efeito. Quais os motivos porque foram presas dezenas de criaturas? Para averiguar se foram elas que lançaram as bombas aos carros eléctricos? Mas essas bombas que foram arremessadas sôbre os eléctricos não passam, ao que anunciaram os jornais, de 4, 5 ou seis, quando muito. Como se explica a prisão de tanta gente? Para quê, tanta barafunda?

Trata-se, evidentemente, de dar todo o caracter trágico dos grandes acontecimentos a um dos tantos incidentes de que Lisboa é fértil, desde que os propagandistas da República e hoje governantes, ensinaram a manipulação de bombas e até a maneira como de se usarem.

Mas ocorre preguntar, senhores da imprensa, jornalistas que confundis muitas vezes a nobre profissão de jornalista com a função de polícia — ocorre preguntar se, de facto, essas bombas foram obra dos grevistas ou de revolucionários conscientes, tam certo é o lançamento dessas bombas só vir favorecer o plano das fôrças da reacção que neste momento manobram a coberto dum govêrno democrático.

Sim, trata-se dum plano da reacção. E' um plano evidente, incontroversamente verdadeiro, poucos sendo os jornais que não demonstram o seu compromisso prêso a êsse plano.

Certamente que nesse plano não está apenas incluída a classe operária. E' um plano vasto que abrangerá, possìvelmente, a G. N. R., a Polícia, a Marinha, o próprio Arsenal; as leis das 8 horas, do direito à greve, a pena de morte.

Uma parte do plano, a segunda, é inspirada pela Confederação Patronal; a primeira, referente às fôrças militares e policiais, poderá ser imposta pelas fôrças do exército, que não levantarão o cêrco a Lisboa sem que seja executada, incluindo a restauração da pena de morte, neste caso imposta pela oficialidade do Campo Entrincheirado.

E uma coisa em que nem tôda a gente tem reparado: é a fúria como somos atacados pelos jornais monárquicos e reaccionários — *Tempo*, *Correio da Manhã* e *Epoca*, cuja linguagem revela um fundo entendimento com reaccionários disfarçados de republicanos que na *Capital* e na *Manhã* falseiam e confundem a verdade dos factos, num desejo de represália, de vingança feroz, alimentado pelos jesuíticos *Imprensa da Manhã* e *Século*, vendidos uns aos banqueiros que promovem a miséria e a fome do povo, servindo outros a Companhia de Jesus e a Monarquia.

O lançamento de bombas só poderia favorecer a execução do vasto plano elaborado nos bastidores da finança, da política indígena, dos salões cómodos e confortáveis daqueles que levaram o povo português à pior das misérias. As bombas só poderiam ser lançadas por quem tinha interêsse em desfazer-se da parte activa do povo, daquela minoria que poderia tolher os manejos dos reaccionários, dos monárquicos, que assim conseguem ver desguarnecido um sector incômodo, daquele sector de onde surgiria o grito de alerta contra o desguarnecimento dos sectores que representam o apoio da República.

E não vêem, não reparam nisso os jornais republicanos! Foi assim que procederam antes do Monsanto, abdicando da sua personalidade, aniquilando-se moralmente alguns dos jornais republicanos, sem mesmo tomarem a ignóbil atitude que presentemente sustentam.

A prisão em massa de tantos operários é talvez o primeiro passo para a consumação do plano reaccionário, cujo objectivo é ferir profundamente tudo quanto representa uma afirmação de progresso, uma afirmação de liberdade, uma afirmação de dignidade e de direito à vida.

Estava previsto! A «pavorosa» vai tendo a sua execução plena e não há que protestar, que é inútil, por ser demasiadamente platónico.

Não protestando, muito embora, fique-se no entanto sabendo que compreendemos os intuitos reservados do que a imprensa tem pretendido esconder, na sua fúria de extermínio contra a classe operária e a sua organização, confiando, entretanto, que entre mortos e feridos alguém há de escapar...

Lutar contra a pena de morte é lutar pelo progresso

O inquérito do "Século" sôbre esta melindrosa questão é uma burla! — Os drs. srs. Teófilo Braga, Jaime Cortesão, Faria de Vasconcelos e Ferreira de Macedo declaram à "Batalha" a sua opinião àcêrca da pena de morte

Para certos jornais, as questões, por mais transcendentes que sejam, nunca passam dum negócio. Estamos convencidos de que a questão da pena de morte é também para certos jornais um negócio rendoso.

O inquérito que *O Século* está publicando não é um inquérito, é uma burla. O primeiro motivo que nos leva a declarar que aquele inquérito é uma burla: um jornal não pode fazer com a precisão necessária um inquérito desta natureza. Segundo motivo: *O Século* teve o cuidado de consultar de preferência as *pessoas categorizadas*, isto é, proprietários, advogados, padres e políticos reaccionários, que evidentemente são favoráveis à pena de morte.

De resto, quem pode confiar num jornal que muda de opinião conforme melhor convém aos seus interêsses? O interêsse do *Século* é, deve ser o restabelecimento da pena de morte; porisso a maioria das opiniões que regista são favoráveis a êsse crime.

¿Quanto recebeu o *Século* para fazer tam *honroso* frete? Poderão considerar temeridade, incoerência da *Batalha* o formular esta pregunta; poderão objectar-nos que não temos provas materiais que nos permitam formulá-la. Mas temos as provas morais que são evidentes, que todos podem vêr! Temos um passado absolutamente limpo de *chantages*, de negócios escuros de companhias, que nos dão a autoridade moral para condenar êsse jornal hediondo, causa da desmoralização da sociedade portuguesa!

E' esta limpeza de carácter que nos dá fôrça para declarar ao público que *O Século* está peitado, que o *Século* está colaborando traiçoeiramente no crime que todas as fôrças reaccionárias pretendem perpetrar.

O Século nos seus artigos insinua que a pena de morte deve ser aplicada aos indivíduos que praticam delitos sociais, que lançam petardos! Esqueceu-se *O Século* já de que após a implantação da República a *Ilustração Portuguesa* ensinou a fazer bombas — o que *A Batalha* nunca fez!

Os inquéritos do *Século*! Quem poderá acreditar na sua imparcialidade?

Infelizmente não é apenas *O Século* o jornal que — ao que parece — está fazendo seu negócio com uma questão tam melindrosa, como é a pena de morte, mais alguns jornais o imitam. Mas *O Século*, o maior, é o símbolo da imprensa corrompida pela finança no nosso país. Por isso sôbre êle fazemos de preferência os nossos reparos...

Um àparte: os partidários da pena de morte ainda não declararam no inquérito do *Século* que a desejavam ver aplicada aos assambarcadores...

O dr. Teófilo Braga

é contrário à pena de morte e julga que nem haveria carrascos para executar os condenados

Quando ontem de tarde nos encaminhávamos para a nossa redacção, tivemos um feliz encontro, um encontro oportuno: o dr. sr. Teófilo Braga, um pouco curvado pela idade, a cabeleira branca espreitando sob o seu chapéu escuro, descia, ali ao Calhariz, em direcção à praça Luís de Camões.

Cumprimentámo-lo, teve para nós um sorriso afectuoso, trocou connôsco algumas palavras — e eis-nos de conversa.

A pena de morte, nem podia deixar de ser, foi o tema.

— Sou contra a pena de morte — dissenos o ex-presidente da república. — Acho graça à forma como alguns parlamentares estão defendendo o seu restabelecimento em Portugal.

— Porquê?

— Porque tudo me leva a crer que, a ser aprovado êsse projecto, não teremos depois quem execute os condenados.

— Sim?!

— Olhe — disse o nosso entrevistado sorrindo — no tempo de D. Miguel não havia portugueses que quizessem matar os condenados. Foi preciso mandá-los vir de Espanha.

— Isso prova — dissemos — quanto a pena de morte repugna à consciência do nosso povo.

— Exactamente — prosseguiu — o português é incapaz de matar a sangue-frio, apenas a paixão o leva por vezes ao homicídio. E a paixão, longe de ser um defeito condenável, é uma boa qualidade. O que seria necessário em Portugal era canalizar essa paixão num bom sentido.

— Portanto...

— ... Sou contra a pena de morte.

O dr. sr. Jaime Cortesão diz de sua justiça

Formulámos ao dr. sr. Jaime Cortesão a pregunta sacramental e escutámos:

— Sou por princípio contrário a todo o atentado contra a vida humana, quer em nome da vontade individual, quer em nome da lei. A justiça humana é tam precária e contigente e, por outro lado, a vida representa para mim um mistério por tal forma sagrado que reputo um crime abominável atentar contra ela. Só um povo invadido e ameaçado de morte pelo estrangeiro tem o direito de aplicar por sua vez a pena de morte.

A opinião do dr. Faria de Vasconcelos

O dr. Faria de Vasconcelos é um professor e conferencista distinto cujas opiniões são rasgadas, norteadas por um ideal de belêsa e de bondade. A sua resposta já a previamos, entretanto formulámo-la:

— Pena de morte?...

— Não! — respondeu com energia.

O que nos respondeu o dr. Ferreira de Macedo

Encontrando casualmente o dr. sr. Ferreira de Macedo, puzemos-lhe, de chofre, esta pregunta:

— Deve ou não ser restabelecida a pena de morte em Portugal?

A resposta foi curta e eloqüente:

— Não, senhor!

O protesto do proletariado

Construção Civil de Belém

A Secção Sindical de Belém do Sindicato Unico da Construção Civil reüniu e protestou contra a pena de morte dando o seu apoio a qualquer movimento que seja necessário levar a efeito para impedir tal monstruosidade.

Rurais de Aldeia Nova

Reüniu a Associação dos Trabalhadores Rurais de Aldeia Nova que protestou veementemente contra a tentativa de restabelecimento da pena de morte.

Pessoal dos Hospitais Civis

A Comissão Administrativa da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis, em sua reünião de ontem, protestou enèrgicamente contra o restabelecimento já por estar fora do século em que vivemos, já por ser contrária à missão humanitária desta classe.

Sindicato Unico Metalúrgico, Secção de Belém

A comissão administrativa da secção de Belém do S. U. M., em sua reünião ordinária, apreciando a odiosa lei da autoria do sr. Cunha Leal resolveu lavrar o seu mais veemente protesto.

Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional

Na reünião da comissão administrativa do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional foi resolvido protestar contra a pena de morte.

Construção Civil de Aveiro

Reüniu a assemblea da Associação da Construção Civil de Aveiro, que saüdou *A Batalha* e protestou enèrgicamente contra a pena de morte.

Descarregadores de Mar e Terra

Reüniu a assemblea geral da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra protestando veementemente contra a projectada pena de morte. A assemblea terminou com vivas à Liberdade.

Alfaiates e costureiras de Coimbra

COIMBRA, 10. — C. — A Associação de Classe dos Oficiais e Costureiras de Alfaiate, acabam de protestar enèrgicamente contra o projecto da pena de morte que o sr. Cunha Leal pretende restabelecer.

Os restantes organismos sindicais igualmente se vão pronunciar sôbre a pena de morte.

Juventude Sindicalista de Setúbal

Reüniu a comissão administrativa da Juventude Sindicalista de Setúbal que lavrou o seu veemente protesto contra a pena de morte.

Operariado de Olhão

OLHÃO, 9 — C. — A organização operária desta localidade a convite da U. S. O. Local tem vindo protestando veementemente contra o decreto da pena de morte.

E' grande a indignação de todos os que amam a vida humana, contra essa monstruosidade. O povo trabalhador de Olhão está pronto a ir até onde for necessário para obstar a tal vilania.

Operários Alfaiates

A direcção do Sindicato dos Operários Alfaiates, na sua reünião de ontem, protestou enèrgicamente contra a pena de morte e louvou *A Batalha* pela sua enérgica atitude.

Corticeiros de Belém

Na sua última reünião, os operários corticeiros de Belém aprovaram o seguinte protesto:

«Os operários corticeiros desta área reünido, protestam enèrgicamente contra a pena de morte, dando o seu incondicional apoio a qualquer movimento contra tam repugnante crime.»

Associação do Pessoal da Imprensa Nacional

A direcção dêste sindicato reünida para apreciar o pretendido restabelecimento da *pena de morte* resolveu protestar contra tal monstruosidade, representativa duma consciência devassada pela preversão que concebe o assassinato legalisado.

Pessoal do Arsenal do Exército

A assemblea enormemente concorrida do pessoal do Arsenal do Exército aprovou por unanimidade a importante moção que segue:

«Considerando que um aventureiro dos mais evidentes da política portuguesa tenciona apresentar brevemente no parlamento um projecto de lei ressuscitando a *Pena de Morte* em Portugal:

Considerando que essa *pena* desde o momento que possa ser aplicada tornar-se há um execravel instrumento de vingança de que todos os aventureiros que assaltem o Poder farão uso para infligir crudelíssimas represálias tanto aos seus adversários políticos como aos que se manifestem contrários à organização capitalista;

Considerando que a *Pena de Morte* não consegue evitar os crimes puníveis na sociedade, pois que o criminoso, segundo a expressão incontestada de Hamon, é sempre determinado pela impetuosidade de sensações morais e físicas que lhe obliteram as faculdades de consciência e de raciocínio, aparte outras influências das imperfeições do meio social, que a astúcia, a corrupção e a desoura dos políticos e das classes burguesas criaram e mantêem pela fôrça;

Considerando que os acontecimentos trágicos de 19 de Outubro, o estoiramento de bombas e vários pretextos de que todos os aventureiros e desvairados políticos portugueses se servem para justificar a *Pena de Morte*, a eles e só a eles lhes poderão ser assacadas as responsabilidades de tão lamentaveis sucessos, visto que foram eles que indisciplinaram a sociedade portuguesa na louca ambição do mando para cometerem toda a casta de fraudes, torpezas e embustes que teem conduzido a Nação à ruína económica e as classes mais humildes e laboriosas a tôdas as lutas de desespêro motivadas pela fome e pela miséria;

Considerando que a *Pena de Morte* fere a nossa índole moral, os nossos sentimentos de humanidade e representa um aviltante despréso pelas liberdades políticas;

Considerando que essa *Pena* obedece a vários manejos da reacção patronal, política e religiosa que, apesar de não lhes bastar as guilhotinas que actualmente funcionam em silêncio sob a sombra sinistra dos seus privilégios; procuram ainda na impressão do mêdo, da estupidez e da hipocrisia submeter as vítimas da ordem social a rancorosas tiranias.

Considerando que só almas sinistras e assassinas poderão defender a *pena de morte* e que o autor do respectivo projecto é um novo Landru da política portuguesa que, pretendendo ascender à celebridade histórica e faltando-lhe um templo de Diana para incendiar como moderno Aerostrato, privado por circunstancias sociaes de representar no nosso tempo as crueldades de Caligula, os horríveis martírios dos supliciados de Nero, as monstruosas torturas de Torquemada, busca e todo o tranze um matadouro cuja

A ORDEM PASSA...

O GOVÊRNO INICIA FEROZ PERSEGUIÇÃO

Foram ontem passadas buscas domiciliárias e efectuadas arbitràriamente numerosas prisões

Predomina o desvario. Estamos vivendo uma hora convulsionada, uma hora sangrenta, de tiranias, crimes e violências. O bom senso abdica, a serenidade ausenta-se. A inépcia, a falta de lucidez dos que fazem política, dos que fazem govêrno complica uma vida já demasiadamente complicada, agrava temìvelmente, uma situação medonhamente agravada. Do govêrno, de cima, parece ter-se premeditado, fatìdicamente, uma balbúrdia infernal, em que tudo acaba numa pavorosa confusão. A anormalidade tornou-se normal. O disparate é lei, o bom senso excepção. Para que prossegue o govêrno numa atitude que só ódios fermenta, só desesperos origina, só arbitrariedades comete?

Ateia-se criminosamente a fogueira! Para quê? Interêsses existem capazes de lucrar contudo isto a que se está assistindo?

E' lamentável a revelação de tam aterrada falta de sensatês da parte de quem governa. Cometem-se tolices sôbre tolices, violências sôbre violências, arbitrariedades sôbre arbitrariedades.

Esta madrugada a polícia recebeu ordem de se concentrar nas esquadras. Pouco depois fôram iniciadas buscas domiciliárias em casa de algumas centenas de operários. O aparato militar dessas buscas compunha-se de polícias, agentes da investigação e guarda republicana. Efectuaram-se prisões em massa. E' nos impossível fornecer o número exacto das prisões realizadas. A êsse respeito correm variadíssimas versões, sendo porém todas elas concordes que as prisões feitas ontem são em número bastante elevado.

Por informações que reputamos fidedignas deram entrada nas casamatas do forte de S. Julião da Barra, cêrca de 75 operários. Os presos eram conduzidos em camions guarnecidos de metralhadoras, e de soldados da G. N. R. Nota curiosa e significativa: um dos camions pertencia à Moagem.

Conseguimos apurar que no número dos presos ontem, se encontram os seguintes operários:

António Costa, Joaquim Seabra, Avelino Castro, Ezequiel Seigo, Martins Grilo, Desiderio Ferreira, Guilherme Castro, João Vicente Ferreira, Raul Garrido, José Augusto Ribeiro, Alfredo Gomes, Artur Correia de Araujo, Jaime Pinto Soares, Manuel Guilherme de Almeida, Celestino Afonso dos Santos, Abel Sales, Amaro Pereira, Adriano Pereira Machado, António Simões Amaro, Bernardino dos Santos, Alfredo Cruz, Arsénio José Filipe, José de Sousa, Manuel Roque, Alvaro Anselmo, Cesar de Castro e Joaquim Gonçalves.

Também se encontram presos os republicanos presidencialistas srs. Chedas e Manuel Afonso. Os presos encontram-se nos fortes do Campo Entrincheirado.

Um dos operários presos é côxo e encontrava-se doente. Apesar disso lá o levaram...

Evidentemente que a polícia exorbitou, praticando certos gestos merecedores duma formal condenaação.

Se bem que a costumada alegação: «fomos mandados, obedecemos ás ordens que nos deram» acompanhou os seus actos. Mas essa desculpa é insuficiente, acrescentaremos mesmo que é velhaca.

Um exemplo dentre muitos, do que afirmamos: Manuel Fernandes e sua mulher, residentes na travessa do Oleiro, receberam a visita da polícia que procurava no *fratemal* intuito de o prender o sobrinho, um operário chamado Joaquim da Silva.

Observado que êle não residia nessa casa, ameaçaram-nos de prisão. Não levaram por diante o intento, devido a terem conseguido saber a morada de Joaquim Silva. A não ser assim, encontrar-se-iam em qualquer forte Manuel Fernandes e sua mulher.

O protesto operário

Contra as prisões ontem efectuadas protestam as seguintes agremiações operárias: Federação da Construção Civil, Federação dos Empregados do Comercio, secção dos Corticeiros de Belem, as secções de pedreiros e estucadores do S. U. da Construção Civil, Sindicato dos Alfaiates, Sindicato Unico Mobiliario.

Tambem o Partido Comunista protesta contra as arbitrárias prisões de ontem.

Partido Comunista Português

Reüniu ontem o Comité Executivo, tendo-se ocupado principalmente da marcha dos últimos acontecimentos políticos.

Em face dos violentos atentados às liberdades populares que o govêrno vem perpetrando apoiado na reacção militarista e traduzidos nas numerosas e arbitrárias prisões que teem sido feitas, algumas delas de dedicados e prestimosos elementos comunistas, o Comité Executivo lança o seu mais veemente e indignado protesto contra as iníquas e terroristas medidas de opressão governamental.

união sangrenta possa corresponder a vários apetites macabros;

Considerando que a maioria da imprensa burguesa, na questão que estamos tratando, aviltando os direitos de consciencia e de humanidade, em nada dignifica a especie humana e que sòmente patenteia com tôda a clareza a prostituição do pensamento e da vida jornalistica;

Considerando que é à classe operária que moralmente compete o maior esfôrço na marcha do progresso, a obra mais fecunda e educadora do sentimento humano, a ideologia mais poderosa é organizada contra a escravidão social;

A assemblea geral do Sindicato do Pessoal do Exército delibera o seguinte:

1.º—Tomar tôda a campanha contra a pena de morte como questão de ordem nacional, associando-se a todos os protestos que se façam contra a mesma pena, quer êles sejam promovidos por organismos operarios, quer por outras corporações ou grupos de individuos que preconisem ideas generosas, ultruistas e humanitárias.

2.º—Que este sindicato nomeie desde já uma comissão de cinco membros, os quais convidarão outros organismos e diversos homens de grande coração para que se abra uma subscrição pública em todo o pais, cujos donativos serão exclusivamente aplicados à propaganda contra o referido projecto aguardando-se para êsse efeito os casos de agitação politica e social, os movimentos eleitorais e outras oportunidades politicas que possam enfraquecer toda a acção governativa, desmoralizar o funcionamento parlamentar, denunciando constantemente à opinião publica todas as fraudes, roubos e ilegalidades que se conhecerem dos politicos, os interêsses particulares que os mesmos representem, fazendo-se contra eles uma incisiva campanha tanto pela palavra como por todos os meios de publicação ao nosso alcance;

3.º—Que se envie uma calorosa saudação ao jornal *A Batalha* pela elevada atitude que tem mantido contra o projecto da pena de morte e que a comissão de cinco membros que fôr nomeada dedique a sua atenção para o estado economico do referido jornal, fazendo-lhe a maior propaganda possivel entre o pessoal do Arsenal do Exército.

Lisboa, 10 de Março de 1922.

Várias agremiações

União Anarquista

A União Anarquista lavra o seu indignado protesto contra a pena de morte.

Partido Comunista [Portu]guês

Deve, não obstante as dificuldades burocráticas que estão sendo levantadas pelas autoridades, realizar-se àmanhã o grande comício público de protesto contra a pena de morte e que o Centro Comunista de Lisboa promove pelas 15 horas no Parque Eduardo VII.

O Comité Executivo do Partido Comunista convida todos os organismos da classe trabalhadora, associações liberais e em geral todo o proletariado revolucionário, bem como todos os homens de consciência, a assistirem ao aludido comício, afirmando assim a sua repulsa pelo negregado crime que a reacção projecta.

Centro Comunista de Lisboa

NOTA OFICIOSA

A comissão administrativa, ontem reünida, apreciou os trabalhos levados a efeito para a realização do comício, que este organismo promove àmanhã, pelas 15 horas, no Parque Eduardo VII, os quais se encontram bastante adeantados.

Este comício será de tribuna livre para que todos os organismos, tanto da classe trabalhadora como aqueles de carácter liberal, possam por intermédio dos seus representantes, protestar contra a mais vil afronta que neste momento se pretende lançar à cara do povo português: a pena de morte.

Este centro, apreciando também a forma como o actual govêrno está perseguindo todos os elementos de ideas liberais, encarcerando sem motivo algum que o justifique, indo a sua senha de prender, até ao ponto de ir procurar em suas casas camaradas já falecidos, protesta contra tais violencias por as mesmas representarem o desejo de satisfazer as aspirações dos reaccionários.

A todos os camaradas que se encontram presos, manifesta este centro a sua mais estreita solidariedade mantendo-se em sessão permanente, enquanto a comissão que foi nomeada para tratar da sua libertação não dê por findos os seus trabalhos.

Protestos individuais

Um grupo de 15 operários de Sines envia-nos um abaixo assinado protestando contra a pena de morte.

O operário metalúrgico Artur Cardoso escreveu-nos uma longa carta que por falta absoluta de espaço não podemos publicar, na qual protesta contra a pretensão do sr. Cunha Leal, em restabelecer a pena de morte.

Rodrigo Joaquim Calçado, grevista da Carris, protesta contra a pena de morte.

Um gesto digno

Lanceiros 2, infantaria 1 e 5 protestam contra a pena de morte

Recebemos um longo protesto em nome de lanceiros 2, infantaria 1 e 5, contra a pena de morte. Não o publicamos porquanto, embora esta manifestação nos seja extremamente agradável, não desejamos que o poder militar exerça draconeanas vinganças sôbre os soldados das referidas corporações.

EM PONTE DO LIMA

O povo esta indignado

PONTE DO LIMA, 9—C.—Causou aqui a mais viva e profunda impressão a notícia dada pela *Batalha* de que o sr. Cunha Leal tenciona apresentar ao parlamento um infame projecto de lei, restabelecendo em Portugal a pena de morte.

Os protestos contra tam vil e monstruoso crime são unânimes pelo povo laborioso desta localidade. Ninguem, absolutamente ninguem, de consciência bem formada, que ama a liberdade e a vida humana, que deseja uma sociedade perfeita, aprova tam repugnante, tam abominavel crime!

E vem esta gente apregoar o regime de Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

Pró-presos por questões sociais

Comissão Central

Convidam-se os delegados desta comissão a reünir hoje, pelas 20 horas, para serem tratados assuntos de importância que se prendem com os camaradas últimamente detidos.

AS GREVES

Pessoal da Carris

Ainda não foi reaberto o Sindicato do Pessoal da Carris, encontrando-se os operários privados de saber quais os resultados das *démarches* efectuadas.

Não obstante o encerramento do sindicato e prisão de vários elementos da classe, esta conserva-se firme, resistindo a todas as violências de que tem sido vítima para a forçar a abdicar.

Ontem foi profusamente distribuído um manifesto editado pelo Sub-comité executivo, exortando a classe a manter-se firme até à vitória final.

NOTA OFICIOSA

Aos assalariados da Carris

Presados camaradas:—As autoridades desta liberal República, no intuito perverso de manietar os componentes da laboriosa classe da Carris de Ferro, entram no caminho das violências e sem mais nem menos prendem dedicados camaradas nossos e encerram a sede do nosso sindicato. Com que fim se põem estas liberais autoridades ao lado dos exploradores da Carris? Adivinhamo-lhes o intento. Conseguiu a companhia encontrar alguém que se prestou a meter-lhe nas burras mais um aumento de tarifas que ela anciosamente deseja. Agora espera que êsse aumento juntamente com o resto da receita proveniente da sobretaxa de 5 centavos lhe seja autorizado oficialmente para depois poder tripudiar à sua vontade, explorando o povo e tratando a chicote o seu pessoal que ela espera vêr apresentar-se-lhe cabisbaixo como um cobarde rojando-se-lhe aos pés.

Camaradas: Porém, ela engana-se, porque vós, empregados da Carris, lembrai-vos que sois honrados e que não vos deveis prestar a executar um tam vil papel, que acarretaria sôbre vós o desprêso e o escárneo de todos os trabalhadores conscientes.

Lutai com energia e altivez porque a verdade e a justiça estão do nosso lado e desde que assim é, não tenhais receio porque mal algum vos pode suceder.

Camaradas: E' com satisfação que vos podemos comunicar que os nossos camaradas Armando Martins, Cláudio dos Santos e José Augusto Martins se encontram já nos calabouços do govêrno civil, por lhes ter sido levantada a incomunicabilidade e em breve serão postos em liberdade porque, conseguindo quebrar os dentes à calúnia, provaram a sua completa inocência nos atentados dinamitistas levados a efeito por individuos a sôldo da **patronal** que provocaram estes crimes para a polícia exercer represálias sôbre esta classe, efectuando prisões de dedicados camaradas e encerrando o nosso sindicato para nos desmoralizar, o que não conseguiram.

Camaradas: Este comité chama a vossa atenção para um manifesto que ontem fez distribuir e declara-vos que fará distribuir tantos quantos fôrem necessários para melhor elucidação da classe, pedindo-vos que os façais circular a fim de ninguem ignorar o caminho que deveis seguir.

Continuai sem desfalecimentos e não vos apresenteis se a companhia a isso vos convidar, porque, mantendo-vos na luta até final, a vitória há-de ser nossa, apesar de termos contra nós a opinião burguesa e os jornais de balcão.

Viva a união do pessoal da Carris!

Abaixo os especuladores e viva a greve!

O sub-comité executivo.

Nota oficiosa da Comissão de Melhoramentos

Presados camaradas: — Tem esta comissão continuado nas suas *demarches* juntamente com a comissão pró-presos para conseguir a libertação dos camaradas presos, tendo conseguido até agora que lhes fôsse levantada a incomunicabilidade. Esta comissão está esperançada que brevemente a libertação dêsses camaradas seja um facto, visto estar provado que nenhuma responsabilidade teem nos atentados de que os acusam.

Contava esta comissão já hoje poder dizer à classe alguma coisa mais do que até agora tem dito, mas, mais uma vez, devido aos entraves levantados pela política, nada de positivo se pode dizer, visto que o govêrno, na ânsia feroz de prender tudo e todos, mostra desinteressar-se por completo da solução dêste conflito, não prevendo onde tal casmurrice o poderá levar.

Camaradas: Mais uma vez esta comissão vos aconselha união, firmesa e serenidade, pois que a vitória não se fará esperar.

Mais recomendamos a todos os camaradas para que leiam todos os dias o nosso jornal *A Batalha*, pois que só êle está autorizado a informar-vos em que pé se encontra o nosso movimento.

Uma carta

Caros camaradas: Impossibilitado como estou de tomar parte em trabalhos devido a uma pertinaz doença, que, há perto de 2 anos me vem consumindo, não posso, como era meu desejo, aí comparecer, para algo dizer sôbre a greve da Carris. No entanto deixai-me gritar no papel, já que doutra forma não o posso fazer, que os camaradas da Carris lutam pela mais nobre das causas que o operariado português tem defendido. Esses camaradas encontram em si o verdadeiro espirito de solidariedade, porquanto não é uma questão de interêsse material que os conserva em luta mas sim uma questão moral, que por este facto os torna dignos de todos os que possuem um cérebro desempoeirado.

Querendo de qualquer forma dar uma prova da minha solidariedade para tam dignos camaradas, que tam bem sabem lutar, prontifico-me a tomar à minha conta um filho dum grevista e apêlo para que êste exemplo seja seguido por todos como o possam fazer, e termino gritando do fundo da minha alma:

Viva a greve da Carris!

A'vante pela solidariedade operária!

Saúde e Revolução Social.—Vosso e da causa, *António Magina*.

Federação Metalúrgica

Em reünião dos delegados realizada hontem, apreciando a nobre atitude dos camaradas da Carris, deliberou por unanimidade prestar-lhe toda a sua solidariedade tanto material como moral.

Apreciando tambem a forma infame e tendenciosa como certa imprensa se tem referido ao movimento daqueles camaradas, resolveu protestar contra a forma baixa e mesquinha de atacar quem tam lealmente soube cumprir com os seus deveres de solidariedade humana.

Lastimando que os camaradas gráficos não tenham a ombridade e a coragem de se abster de compôr tanta infamia contra a organização operária, fazem votos para que de futuro esses camaradas se conduzam de forma a honrar a organização a que pertencem.

Esta Federação continua em sessão permanente.

Uma importante reunião do S. U. da Construção Civil

Reüniu êste sindicato em sessão magna com a presença de centenas de camaradas, que com o maior entusiasmo se referiram às greves dos Marítimos e do pessoal da Carris de Ferro, mostrando-se unanimemente solidários com estas classes em luta, pois que êsses camaradas teem a nobresa de saberem o que querem e para onde vão.

Ofereceu êste sindicato o seu auxílio moral e material a qualquer das classes em luta assim como protestou contra as infâmias de um jornal da tarde pela forma como trata os militantes da organização.

Nesta asembleia foi, por unanimidade, aprovada a seguinte moção:

Considerando, que os operários da Carris de Ferro e marítimos se encontram há bastantes dias em luta estes por melhoria de situação e aqueles por virtude de a Companhia Carris ter despedido dois dos seus melhores camaradas, sem motivo justificado;

Considerando que aqueles camaradas actualmente em luta pretendem que a Companhia não leve por diante a sua infame resolução, pois que tal atitude deixa ver bem claramente que é apenas uma vingança motivada pela última greve de aumento de salário de que aqueles camaradas saíram vitoriosos;

Considerando que o actual movimento dos operarios da Carris é de molde a satisfazer-nos, pois que há a atender às nobres intenções que o norteia, visto que é de caracter moral;

Considerando que o govêrno entrou já no caminho das violências, pois prendeu militantes daquela classe e encerrou o seu sindicato, e que não satisfeito ainda com tal atitude, resolveu estender a perseguição a vários elementos operários, como a muitos camaradas da nossa indústria;

Os operários da construção civil de Lisboa, reünidos na sede do seu sindicato em sessão magna, para apreciar a marcha do movimento da Carris bem como das classes marítimas e as violências até hoje exercidas pelo govêrno sôbre a classe operária, resolvem:

1.º Acompanhar qualquer movimento tendente a auxiliar as classes dos marítimos e Carris de Ferro;

2.º Protestar contra a atitude da Companhia e do govêrno e ir até a qualquer movimento de maneira a libertar os nossos camaradas e a reabrir-se os sindicatos, isto quando o organismo central local assim determinar, prestando às classes em luta a solidariedade tanto moral como material, aguardando simplesmente o aviso de alerta em pról dos camaradas em greve.

Pessoal dos hospitais civis

Reüniu ontem a Comissão Administrativa, que apreciou o procedimento anti-humano do dr. sr. Ravara, proïbindo o tratamento a dois doentes, por serem grevistas da Carris, repudiando toda a responsabilidade com a acção dêsse clínico.

Impressores tipogarficos

Reüniu ontem, extraordináriamente, a Direcção dêste Sindicato para se ocupar da extemporânea atitude do govêrno, ante a greve dos camaradas da Carris. Esta Direcção lavra o seu mais veemente protesto contra as prepotências do govêrno, exteriorizadas no encerramento do Sindicato do Pessoal da Carris e nas arbitrárias e intempestivas prisões dos militantes daquele Sindicato, que numa atitude *muito digna* que marca, nos anais da história proletariana, pela grandiosidade do seu movimento de protesto justíssimo, muito moral e sobretudo muito humano, se sacrificam, como toda a Classe, numa luta titânica em que fôram lançados pela falta de caracter por parte da Companhia Carris.

A Classe deve aguardar, com *calma*, resoluções da U. S. O.

Foi enviado ao presidente do ministério o seguinte telegrama de protesto:

«A Associação de Classe dos Impressores Tipográficos de Lisboa protesta contra o facto do govêrno presidido por v. ex.ª mandar encerrar a Associação do Pessoal dos Eléctricos e colocar-se ao lado da Companhia Carris, protelando a solução da greve dos operários dessa Companhia, desrespeitando assim a neutralidade que devem manter todos os govêrnos perante os conflitos entre Capital e Trabalho.»

S. U. Mobiliário

Na assemblea geral de ontem protestou contra as violências praticadas contra o pessoal da Carris e encerramento do seu sindicato.

Manipuladores de Pão

Reüniu êste sindicato em assemblea magna para se ocupar da questão da Carris e outras de interêsse para a classe. Foi apreciado o movimento dos camaradas da Carris, em que todos os oradores enalteceram o nobre gesto por eles praticado não consentindo que fôsse despedido um seu camarada, sendo votada a seguinte proposta:

«Atendendo a que a greve do pessoal da Carris se tem arrastado sem solução há mais de 20 dias;

Atendendo a que todo o operariado está com os olhos postos naquêle movimento por ser um dos que marca na organização operária, dado o carácter moral;

A assemblea resolve: 1.º lavrar o seu mais veemente protesto pela não solução do conflito; 2.º protestar contra as prisões efectuadas e encerramento do Sindicato do pessoal da Carris e outros que no mesmo se encontram instalados; 3.º enviar um telegrama ao presidente do ministério e outro ao pessoal da Carris.»

Os telegrama eram assim concebidos: «Ex.mo Sr. Presidente do Ministério, Manipuladores de Pão Lisboa protestam contra não solução conflito pessoal Carris».

O outro: «Associação pessoal Carris—Manipuladores Pão Lisboa saúdam-vos pela vossa energia e esperam resoluções.

Operários alfaiates

Na sua reünião de ontem êste sindicato saüdou mais uma vez o intemerato pessoal da Carris, desejando-lhe vitória completa, ratificando-lhe a solidariedade já votada na última assemblea geral.

Aos marinheiros, moços e inscritos maritimos

Nota Oficiosa da Federação Marítima

Camaradas: Esta Federação já ontem encetou as primeiras *démarches* no sentido de solucionar o vosso movimento.

Das primeiras *démarches* encetadas por este organismo encontrámos por parte das entidades com quem nos avistámos uma boa vontade em resolver o assunto, que nos vem trazer esperanças de muito brevemente terminar esta situação que a todos está prejudicando.

Por parte do presidente do ministério e por informações que a comissão delegada dêste organismo colheu, sabemos estar aquela entidade na disposição de procurar, pela parte que ao govêrno diz respeito, solucionar o mais breve possivel este movimento.

Para a solução do mesmo continuará a comissão desta Federação as suas *démarches* esperando que hoje mais alguma coisa se possa resolver do que até á data.

Camaradas: Pela parte que vos diz respeito, espera êste organismo que continueis na mesma uniformidade de vistas como até ao presente, pois da vossa união sairá a vitoria; ao mesmo tempo que deveis confiar nas *démarches* desta Federação, que dentro da Justiça, da razão e das possibilidades máximas procurará por todas as formas ao seu alcance defender os vossos interêsses, que são os nossos também. Sêde conscientes e unidos e a vitória será mais uma vez adquirida por aqueles que lutam pela justiça e pela razão.

Estas duas coisas serão o bastante para que aqueles que até hoje não vos têm querido atender, reconheçam que lutais por uma causa justa e como tal mereceis ser olhados por outra forma que não as até hoje mantidas.

União e Firmeza.

Viva a greve das classes maritimas!

Viva a Federação Maritima!

Viva a organização operária!

Viva o jornal *A Batalha!*

Abaixo a pena de morte!

A Federação Maritima

Fogueiros de Mar e Terra

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Mais um dia que passa sôbre o nosso movimento, e ainda os armadores não reconhecerão que nós temos a rasão ao nosso lado.

Continua a comissão mista de oficiais e fogueiros nas suas «demarches», esperando nós uma solução do assunto, que embora não seja na generalidade será parcial, isto levando em consideração o momento que atravessamos.

Camaradas: Se hoje houver uma solução como esperamos, não ligueis importância a ditas quixotescos, pois que cada um responde por si. Não vos iludeis com o que alguns elementos estranhos ao movimento, vos possam dizer, pois só terá por fim desorganizar-vos.

Avante, pois, pela nossa causa que é de todos.

Vivam as classes maritimas em luta!

Viva *A Batalha!*

Abaixo a pena de morte!

Este sindicato protesta contra as arbitrariedades cometidas contra os camaradas da Carris.—*O Comité*.

Operários chapeleiros

Declarou-se em greve o pessoal da fula e apropriagem da fábrica de chapeus «A Lisbonense L.da,» R. da Amendoeira. O motivo que levou o pessoal a tomar aquela atitude foi o facto do sr. Ernesto Reis, gerente daquela fábrica, querer obrigar o pessoal da fula a fazer um maior número de chapeus do que um operário normalmente pode fazer e dizer que quem não fizesse 7 chapeus seria despedido. Isto foi uma ordem disparatada, pois se o sr. Reis tivesse capacidade profissional não fazia aquela exigência porque sabemos que um operário não pode fazer mais do que 5 chapeus para ficarem regularmente fabricados.

O pessoal da apropriagem, numa atitude que muito o nobilita, colocou-se imediatamente ao lado dos seus camaradas da fula, por mesmo, outro caminho não poderiam seguir, pois que o tal gerente também lhes exige maiores esforços do que nas suas fôrças cabem.

Com a vida horrorosamente cara e com os salários exíguos, alimenta-se o operário deficientemente, e vem o sr. Reis com exigências daquela natureza, não se importando que o fabrico seja mal feito e que os operários morram de cansaço. O que quer é muito.

Uma comissão entrevistou aquele senhor fazendo-lhe vêr que com uma produção superior àquela o chapeu ficaria pèssimamente fabricado, sendo com isto prejudicado o consumidor, mas por enquanto ainda não resolveu a questão como é de justiça.

NO PORTO

Ourives de prata

PORTO, 9.—E.—Os ourives de prata que, parcialmente, estão em luta resolveram continuar em greve até que os industriais se resolvam a aceitar as reclamações feitas pelo seu sindicato. O Boletim do Trabalho dêste sindicato continúa fornecendo ourives e cinzeladores habilitadissimos, bastando, para tal, participarem para a sua sede quem os mesmos precisar. O mesmo Boletim vai-se pôr em comunicação com o seu congénere de Lisboa, para empregar naquela cidade alguns operários das casas em greve, medida esta que concorrerá para o triunfo das reclamações dos operários da indústria de prata.

Solidariedade

E' àmanhã, 16, que se realiza a récita em auxílio dos camaradas António Pinto da Cruz e Joaquim Rodrigues. Os camaradas que queiram auxiliar a passagem dos bilhetes podem vir buscá-los à sede.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação—*Nota oficiosa*—Perante a repressão governamental, na qual se vislumbra a pretensão de justificar aparentemente a necessidade de medidas draconianas contra elementos operários, entre aquelas a pena de morte e deportações em massa, esta Federação incita os jóvens sindicalistas da região portuguesa a manterem-se firmes, solidários e serenos.

Atravessando a organização juvenil um momento doloroso, pois ela é também vítima da «pavorosa» inspirada pela confederação patronal, que pelos meios mais infames pretende aniquilar toda a organização operária, é ocasião de mais uma vez as juventudes sindicalistas afirmarem a sua coesão e o seu espirito revolucionário.

Esta Federação, apesar de ter a sua sede encerrada pela polícia, conserva-se desde ontem em sessão permanente e de sôbre-aviso, decidida, como intérprete do sentimento libertário de toda a organização juvenil, a dar batalha à reacção.

Núcleo de Lisboa — Os corpos gerentes do Núcleo Juventude Sindicalista de Lisboa protestam indignadamente contra a «pavorosa» governamental, cujo único fito é, sem dúvida, perseguir elementos da organização operária, desta forma pretendendo satisfazer iníquas ambições.

Em face do momento necessário se torna que os jóvens sindicalistas de Lisboa afirmem mais uma vez o seu espírito revolucionário, não trepidando, animados pela ideologia anarquista.

Classes que reclamam

Funcionários do Município de Lisboa

Reüniram ontem à noite nos paços do concelho os funcionários do Município, em grande número, sendo votada por unanimidade uma moção para que fôsse atendida integralmente a sua representação entregue em 21 de Janeiro do corrente ano; que aos empregados contratados seja mantida a regalia de receber mensalmente os vencimentos, e que o senado municipal inicie a discussão da reorganização dos serviços.

Pouco depois das 22 horas realizou-se a sessão da Câmara, que apreciou a moção e o parecer da comissão de finanças.

O assunto foi largamente discutido, defendendo o vereador sr. Sousa Neves o critério da subvenção ser de 30 escudos, para todo o pessoal, tanto do quadro como contratados e jornaleiros, exceptuando menores dos dois sexos cujas subvenções seriam as indicadas pela comissão de finanças e os bombeiros auxiliares.

O vereador sr. Rodrigues Simões apresenta uma proposta para se darem aos chefes de repartição 70$00; aos empregados que percebam de vencimento e actual subvenção 180$00 mensais, 60$00; e aos de quantia inferior a 180$00 mensais, 50$00. O assunto não ficou liquidado devendo continuar a ser debatido na próxima sessão.

Os empregados dos quadros da Câmara reünem-se hoje, pelas 17 horas, nos Paços do Concelho, afim de tratarem de um assunto que lhes interessa.

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Maquinistas fluviais.—Esta classe, reünida ontem em assemblea geral, aprovou para os corpos gerentes os seguintes camaradas: Assemblea Geral—Presidente, António Rocha; Vice-Presidente, João Luís da Silva Moura; Secretários, Raul da Silva e José Caetano Vieira.

Direcção:—Presidente, Manuel Guerra; Vice-Presidente, Alvaro da Silva; Secretários, Manuel Laranjo de Almeida e Damião Teixeira; Vogais, António Firmino e António Pereira.

Conselho fiscal: — António Marques de Almeida e Silva; Secretário, Justiniano de Sousa; Relator, Manuel Gomes Pereira.

Por alvitre do camarada Alvaro da Silva, a assemblea manifestou-se para que, terminada a luta, todos os camaradas contribuam com um dia de ordenado para o fundo de reserva, assim como aumento de cota pelo motivo desta sêr muito diminuta, e por proposta do camarada Gonçalves foi aprovado que os camaradas com atrásos de cotas, deixando a associação, mais tarde não poderão sêr readmitidos sem que satisfaçam os seus débitos, a partir da data da posse da nova direcção.

S. U. Construção Civil. — *Secção Profissional dos Estucadores.*—Reüniu ontem a comissão profissional e aprovou novos associados.

Como houvesse dúvidas na aprovação de algumas propostas, convidamos os camaradas que não foram aprovados a vir à sede prestar esclarecimentos.

CONVOCAÇÕES

Federação Corticeira.—Para tomar conhecimento de uma situação melindrosa para a classe corticeira, reúne extraordináriamente o Conselho Federal amanhã pelas 12 horas prefixas.

Sindicato Único da Construção Civil.—*Secção profissional de pintores.*—Realizando-se no domingo 19 do corrente uma sessão solene para descerramento do retrato do falecido camarada Francisco dos Santos Cruz, convidam-se todos os camaradas que fazem parte da comissão, para reünir na próxima terça-feira afim de fazerem contas das quêtes realizadas.

Impressores tipográficos.—Reúnem amanhã, pelas 12 horas, a direcção, conselho fiscal e todos os camaradas que foram eleitos para cargos dêste sindicato, sendo muito necessária a presença de todos.

Sindicato Ferroviário.—Reúnem hoje, pelas 21 horas os corpos gerentes.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — A's 21 horas — HOJE

Estreia da Nova Companhia de Circo e Variedades

NÚMEROS SENSACIONAIS E DE ABSOLUTA NOVIDADE

Amanhã — Ás 15 horas — Amanhã

GRANDIOSA MATINÉE

VENDA DE BILHETES

TEATRO S. LUIZ

Companhia de opereta

ARMANDO VASCONCELOS

da qual faz parte a actriz

AUSENDA D'OLIVEIRA

HOJE:

A representação-*reprise* da opereta

Amor de máscara

Nacional

Telefone C. 2049

2.ª récita ordinária

HOJE

Companhia Francesa de MADAME PIERAT

sob a direcção de Lugné Poe

A representação da peça de *Maurice Maeterlinck*

MONNA VANNA

Marie Thérèse Piérat, no papel de *Monna Vanna*

Lugné Poe no de *Marco*

Desfazendo uma especulação

Uma nota oficiosa da Federação da Construção Civil

Tendo-se propagado na imprensa, que vários delegados operários tinham ido do sul ao norte do pais com o fim de agitar os operários para a greve geral revolucionária, tal facto não é verdadeiro, obedecendo tudo a um equívoco ou a uma especulação torpe.

A Federação Nacional da Construção Civil enviou um telegrama para Viana do Castelo dando conta da partida de seis indivíduos absolvidos no Tribunal de Defesa Social (que por sinal foram com passagens pagas pelo ministério do Interior), que iriam acompanhados de dois delegados da Federação, um de Lisboa e outro da secção do Porto, a fim de aclararem em sessão pública um assunto que importaria o reatamento de relações esfriadas entre o Sindicato dos Canteiros de Viana do Castelo e esta Federação.

Acontece que no Porto foi preso o secretário da nossa Secção, sendo-lhe apreendido idêntico telegrama por nós enviado, a fim de um delegado de lá acompanhar o delegado ido de Lisboa a Viana do Castelo.

Por tal facto, explorou-se a ida de delegados do norte com intuitos subversivos, o que documentadamente se provou ser falso, no ministério do Interior.

Lastima esta Federação que as autoridades e govêrno deem ouvidos ao reacionarismo, satisfazendo seus ódios sôbre o operariado dando aso à perseguição dos delegados enviados.

Ao mesmo tempo protesta contra o encerramento do Sindicato da Construção Civil do Pôrto e outros, reclamando a libertação dos operários desta indústria, que se acham presos sem quaesquer responsabilidades.

Uma comissão delegada desta Federação procurou ontem o sr. ministro do Interior e governador civil, expondo-lhes os factos acima apontados, lastimando que quando o govêrno reclama ordem seja o mesmo que provoque os operários à desordem.

Na Avenida Almirante Reis

E' lançado um petardo contra um eléctrico

Esta madrugada rebentou um petardo sob um eléctrico na Avenida Almirante Reis.

No referido eléctrico seguia João Henriques Roseira, de 32 anos, natural de Lisboa e morador na rua do Caminho de Ferro, 26, que ao ouvir o estrondo se precipitou do carro ficando na queda contuso no ombro direito.

Depois de pensado no banco do hospital de S. José recolheu a casa.

Orfeon do Liceu de Camões

Realiza-se àmanhã, às 15 horas prefixas, no teatro Salão Foz, uma matinée promovida pelo Orfeon do Liceu de Camões, sob a direcção do professor Silva Reis.

Últimas notícias

Os últimos acontecimentos

Na rua de S. Bernardo, pelas 19 horas, Diamantino António Duarte, de 28 anos, pedreiro, natural de Cezimbra, trabalhando na obra do Rato, encontrou uma bomba. Supondo que se tratava de qualquer coisa inofensiva, arremessou-a ao chão. A bomba explodiu, ficando o Diamantino ferido no joelho. Recolheu ao hospital de S. José.

— Na Avenida Almirante Reis foram arremessadas três bombas de dinamite contra um eléctrico ficando feridos Manuel Viegas Carrascalão, tipógrafo da *Imprensa da Manhã*, residente no Telheiro de S. Vicente, 19, 1.º e José Gordinho, corticeiro, residente na Cova da Piedade. O primeiro foi atingido na perna direita e num braço e o segundo no ventre.

ABASTECIMENTOS

O sr. Falcão Trigoso, comissário dos Abastecimentos, acompanhado pelo sr. capitão Miguel Santos, secretário geral do Comissariado, seguem hoje para Santarem, onde vão tratar de assuntos de abastecimentos no sentido de serem beneficiadas as classes menos abastadas daquela cidade e ainda da montagem de um armazem regulador.

Sociedades de recreio

Club Musical União—Realizam-se àmanhã as festas do aniversário que constam de alvorada às 7 horas, sessão solene às 14, seguindo-se concêrto musical.

Cambios

	Compra	Venda
Libra esterlina	57$000	63$000
Paris	1$053	1$082
Itália	$589	$615
Bélgica	$999	1$037
Suiça	2$305	2$348
Espanha	1$839	1$890
Berlim	$045	$051
Holanda	4$442	4$564
New-York	1[illegible]$869	12$197

COLISEU DOS RECREIOS

Uma nova Companhia de Circo e Variedades

Estreia-se esta noite com um soberbo programa

A notícia da reabertura do Coliseu, que hoje, sábado, se realiza com uma nova e magnifica companhia de circo e variedades, foi, como era de prevêr, acolhida com o maior entusiasmo pelo nosso público em geral, e pela nossa sociedade elegante em particular pois que é já seu velho hábito transformar as estreias do Coliseu num acontecimento artístico e mundano, dando-se ali os seus «rendez-vous» a que concorrem sempre as mais distintas famílias de Lisboa.

Não deve por isso ser exagêro dizer-se que a concorrência hoje ao Coliseu dos Recreios vai ser colossal e selecta e constituir um grandioso êxito para a nova compania de circo e variedades a juntar ao enorme sucesso que os numerosos artistas que a constituem obtiveram nos principais circos do estrangeiro, nomeadamente em Paris, Londres e Madrid, as três capitais mais exigentes em espectáculos do género e as que consagram definitivamente todos os artistas, qualquer que seja a sua especialidade, mais nomeadamente os artistas de circo e *music-hall*, aqueles que o público mais prefere e admira pela sua arte, o seu arrôjo, o culto da belesa plástica e o imprevisto dos seus originalissimos trabalhos.

A êste respeito, e atendendo êstes pontos de vista, a escolha da nova companhia do Coliseu não constitue excepção à regra de bom gôsto e criteriosa selecção que sempre tem sabido honrar o nome do popular teatro, cheio das mais honrosas tradições.

Variedade e novidade absoluta tal foi a norma adoptada para a organização da esplendida companhia que hoje vamos vêr em estreia.

Miss Pia, por exemplo, é uma artista consumada no seu género, apresentando-nos umas curiosíssimas fantasias luminosas coreograficas que hão-de por certo entusiasmar o público, aliadas a uma luxuosissima apresentação em scenário, guarda-roupa e projecções luminosas e à sua beleza incomparavel de mulher.

Um excelente número musical, Eliot Gavona, muito justamente denominado *O Jardim da Harmonia*, deliciará o público amador de boa música, também com uma original apresentação, executando as mais difíceis páginas musicais por um grupo de artistas verdadeiramente apaixonados da bela arte da música.

O *Furacão de Aros*, pela *troupe* Cliffard and Grey, de distinctissimos *jongleurs*, nunca foi visto entre nós e tem antecipadamente garantido o maior dos sucessos.

Um fenomeno scientifico, Roginskej, cuja surprêsa se reserva para o espectáculo de hoje, o ventríloquo Val-Rey, outro fenomeno vocal, vão causar assombro com o seu trabalho *sui-generis*, preenchendo a parte de ginastica do esplendido programa os Raneta Trio, gladiadores olimpicos, e os Irmãos Migares, os únicos equilibristas em arame que, sôbre o fragil *fil-de-fer*, estendido a toda a largura da pista conseguem dar um perigoso salto mortal.

E a juntar a todas estas sensacionais atracções teremos ainda o grupo celebre dos palhaços do Coliseu, dentre os quais o público tanto aprecia os Irmãos Albanos, que para a nova companhia ensaiaram novos intermédios cómicos do mais hilariante e imprevisto efeito de gargalhada.

Como se vê as noites do Coliseu vão ser as mais apreciadas do público de Lisboa, novos números se estreando sucessívamente para variar os mais queridos dos espectaculos das pessoas de bom gôsto freqüentadoras assíduas do belo teatro das portas de Santo Antão.

Os bilhetes teem tido enorme procura, continuando a marcar-se lugares para a primeira série de espectaculos da nova Companhia.

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

ma flagrante analogia da polícia monárquica com a polícia republicana — Apreciações antigas que são de hoje — Em pleno regime de buscas — São apreendidos importantes documentos nossos: cartas de «A Batalha» — Uma acusação de dinamitista e uma contra-fé amável — Prevenção

Em primeiro lugar, para melhor orientarmos o nosso pensamento, para melhor formularmos as nossas queixas, para o dr. sr. Antônio José de Almeida: vai uma fúria demoníaca em tôdas as repartições do poder, em Portugal. Não há pedaço dasno investido numa parcela de mando, que não exerça tiranias de capitão-mor, e não há cacique político, seja ministro ou regedor, que não berre, com o rei na barriga (agora é com o presidente): «quem manda aqui sou eu»! O fundo autoritário, que uma péssima educação política criou e desenvolveu no carácter português, atingiu limites apopléticos. Mas o principal sintoma desse mal raivoso e turbulento é a polícia quem o dá.» «A polícia secreta invade os domicílios dos cidadãos, indo descaradamente, como aconteceu há dias, prendê-los ao leito conjugal, onde êles dormem com as esposas. E uma outra polícia, que ninguem sabe a que secção pertence, nem que designação mereça, ocupa-se na missão irritante de andar pelos consultórios e casas particulares de gente honesta, a revolver papeis procurando documentos.»

Isto dizia-se principalmente num momento em que o ex-irmão *Hoche*, ou seja o autoritarão Almeida Azevedo, forjava vítimas, estudava planos, arquitectava malandrices, para justificar as suas perseguições aos republicanos a propósito do regicídio. E contudo, de facto, mataram o rei e o príncipe. A carabina era bem republicana, os conjurados eram bem das coisas secretas. O ataque à polícia redobrou mais, quando se principiou a perseguir também as associações secretas, que só «poderiam ser ilegítimas, se a tirania não existisse».

Ora a polícia descrita pelo actual chefe de Estado, que, referindo-se às feras que oprimem a humanidade, abençoou tôda a dinamite que as possa destruir, pois *«à fôrça e ao sabre dos tiranos corresponde lògicamente a dinamite dos «revoltados»*, — ora a polícia, diziamos, é, senão precisamente igual, pelo menos agravada, pior ainda, no seu *fundo autoritário* e *raivoso*. Há mais outras polícias que não se sabe que designação mereçam. Por uma ironia dos destinos, o prestigioso revolucionário António J. de Almeida, aquele mesmo que afirmou que uma greve monstra, meia duzia de bombas explodidas e algumas fábricas a arder bastariam para que a exploração industrial e comercial terminasse a sua marcha desenfreada, tinha de presidir também a uma polícia, que invade irritantemente os domicílios, prende a êsmo, inventa processos, incomoda meio mundo, exerce tôda a sorte de tiranias, para alardear serviços e conseguir louvores.

Presentemente no norte vai uma fúria demoníaca e não *há pedaço d'asno investido numa parcela de mando que não exerça tiranias de capitão-mór*. Rebentaram umas bombas quaisquer em locais que não se prendiam com qualquer movimento grevista mas que nos levam a acreditar no desenrolamento dum trama urdida muito ocultamente, senão pela polícia, por alguem que a coadjuve e tenha empenho em desfiar depressa meada das perseguições à organização operária, que não é associações secretas, que não é a maçonaria, e aos seus mais esforçados defensores e propagandistas. Portanto, a propósito dessas bombas, que podiam ser arremessadas por toda a gente, menos por criaturas de tino e por operários conscientes, iniciou-se uma série de prisões *à tort et à travers* e de buscas domiciliárias, sem respeito, sem educação, sem vergonha e estrinçalhando toda a doutrina contida na Carta Constitucional da Repùblica Portuguesa, que se encadernou com a capa da monarquia bragantina. Já não se trata da greve dos construtores civis, cuida-se no *engavetamento* do que a polícia denomina *agitadores*, e vá de levar de enxurrada quem lhe apeteça, para que os ex-irmãos Hoches de àquem Mondego possam desempenhar as suas habilidades de mesfistofélicas prestidigitações... e prepararem vítimas...

Nós, se ainda tivemos a sorte de não sermos presos, não pudemos escapar, todavia, aos enxovalhos de uma busca arbitrária e ao incómodo *amável* de irmos à polícia de Gaia — onde residimos — prestar declarações!...

Em casa, nem estávamos nós, nem a nossa companheira — os donos, pois, estavam ausentes, por instantes. Numas dependências, apenas estava uma velhota dos seus 84 a 85 anos, que mal se arrasta apoiada de muletas, velhota que costuma vir às tardes para nossa casa, por termos sido criados com ela; no entanto, não é de casa. Quatro agentes, em nome da ordem, invadem o domicílio, remexendo o que lhes aprouve.

Como a porta da sala estivesse fechada e a velha octogenária caísse em dizer que lhe confiáramos a chave, os agentes convenceram-na a abrir a porta, entrando e tendo como única testemunha a quási entrevada senhora, que parece uma criança. ¿Foi um abuso, um atrevimento, uma arbitrariedade, um atentado à lei? Foi, porque os agentes deviam esperar pelos donos da casa que, não tendo ido à China, não tardariam a aparecer. Mas como tudo isto vai num grandioso abuso e despotismo, porque não se assalta um domicílio, porque «não se prende em nome duma justiça, embra torta, e de uma lei, embora infame», mas sim se assalta, e se prende «porque convem, e restitui-se a liberdade quando faz arranjo e se faz arranjo (A. José d'Almeida); mas como tudo isto vai num sino de tiranias, a *ordem* remexeu-nos o que entendeu e admirou-se por termos muitos livros. Em abono da verdade, podia remexer-nos mais.

Falou-se para aí em ministrar à polícia uns rudimentos de francês e inglês; mas, infelizmente, ainda nem sequer uns princípios de educação conseguiu, pelo que nos deixam livros espalhados pelo chão, papeis em desalinho, uma gaveta em desordem e uma contra-fé. Como refens, foram uns documentos e um revólver velho, sem compostura, que possuíamos desde o tempo da outra senhora, naquele mesmo estado.

No dia seguinte, não podemos furtar-mo-nos ao sugestivo e gentil convite do cabo que dirigiu a *visita*. a moradores ausentes. O chefe da polícia recebeu-nos carinhosamente, disse-nos, apezar dos seus longos anos de autoridade, jamais ter desembainhado o seu chanfalho contra o operariado, porque também já fôra operário, concordando que todos temos iguais direitos e iguais deveres, ou, pelo menos, os deveriamos ter. Depois, soubemos então que uma *denúncia* nos acusára de comparticipantes nos atentados dinamitistas, nós que nunca aprendemos sequer a fabricar uma simples *bichinha de rabiar*, a despeito de alguns republicanos em tempos nos quererem ensinar e apesar de folhas periódicas por vezes inserirem as suas fórmulas. Procura-se, pois, bombistas à fôrça, trata-se, pois, dum sistema de intrigas, de denúncias e de *preparados*. Rebatida a acusação, explicados os nossos passos dados na noite da explosão das bombas, declinada a nossa identidade profissional, soubemos tambem que os grandes documentos apreendidos eram umas cartas endereçadas pela administração de *A Batalha* e um escrito qualquer de alguem, sem importancia. O que feriu a vista aos agentes, foi o título *A Batalha*, impresso ao alto das cartas escritas, julgando descobrir-se um grandiosíssimo fio, rasto de conspirações revolucionárias... O mesmo que se fazia na monarquia para com os republicanos, é o mesmo que se faz hoje para com os operários de ideas avançadas, embora sejam simplesmente teóricos. E' a antiga justiça da Parreirinha. Por isso assaltam-se as casas do cidadão e das colectividades, por isso prende-se a ôlho, à sorte, por, capricho.

O que se deu connosco, tem-se dado com muitos outros, alguns dos quais com mais êste contrapêso: — o da prisão. Mas se não fomos ainda prêsos, não quer dizer que o não sejamos amanhã, o que quer dizer que *A Batalha* fica desde já prevenida de que se faltarem as nossas crónicas é porque estamos nas bastilhas do Pôrto ou de Gaia, a expiarmos a nossa franquesa de exteriorizarmos os nossos pensamentos e o nosso crime de pertencermos à família de *A Batalha* e da organização operária. E já que os *trágicos* documentos ficaram *presos* para análise, e já que abrimos êste desabafo com a revolta alheia, fechemo-lo tambem com mais êste eloquente e actualizado depoimento do mais alto magistrado da nação: «O juizo de instrução é uma instituição escandalosa que desonra a civilização». Como agora existem muitos juizos de instrução, com diferentes nomes e diversas graduações, é justo que se repita em homenagem ao *revolucionário* de outras épocas: «Portugal, enquanto transigir com aquela infamia, não tem direito a ser considerado um povo europeu. Tem de se pôr ao nível dos cafres, e, por favor, porque os cofres com certeza são de uma vilania menor na aplicação do princípio de autoridade».

9 de Fevereiro.

C. V. S.

Na reunião da U. S. O. é aprovado um protesto contra as últimas arbitrariedades e outro contra a pena de morte, dando a sua adesão à campanha iniciada pelo orgão "A Batalha"

PORTO, 9. — Na passada terça-feira, reüniu, como de costume, o Conselho Federal da U. S. O., com a representação de bastantes organismos. Fôram presentes o relatório e contas da gerência de 1921, bem como nomeadas as comissões revisora de contas e administrativa. A seguir o Conselho ocupou-se dos últimos acontecimentos e das violências cometidas pelas autoridades, tendo todos os delegados palavras de indignação contra as arbitrariedade perpetradas, prendendo-se a esmo e acintosamente todos aquêles que pensam livremente. Após a discussão sôbre os sucessos occorridos, foi aprovada por unanimidade, a seguinte moção:

«A União dos Sindicatos Operários do Pôrto, reünida em sessão do Conselho Federal, depois de apreciar as declarações feitas pelos delegados do S. U. da Construção Civil, pelas quais se prova que aqueles organismos e os seus elementos administrativos são completamente estranhos à descoberta realizada pela polícia na sede daquêle organismo, bem como de ponderar os esclarecimentos prestados pelos representantes do S. U. Mobiliário, instalado no mesmo edifício onde tem a sua sede a primeira colectividade; considerando que por êsse motivo fôram encerrada a sede daqueles organismos, invadidas a sede de outros e ainda violenta e arbitrariamente enclausurados vários operários de diferentes classes; considerando que se constata uma sintomática perseguição aos elementos operários; considerando as informações fornecidas pelas autoridades, em que se consideram os movimentos de reclamação das classes como sendo um movimento subversivo; resolve:

1.º Lavrar o seu mais enérgico protesto contra as prisões e violências praticadas pela auctoridade;

2.º Nomear uma comissão delegada da U. S. O. para, juntamente com um delegado do S. U. Mobiliário e S. U. da C. Civil, reclamar do governador civil a reabertura daqueles sindicatos e a liberdade dos camaradas detidos;

3.º Publicar uma nota oficiosa explicando e justificando o motivo e o caracter dos actuais movimentos operários, realizados pelas diversas classes, que são simplesmence a conseqüência da contínua carestia da vida e de não serem atendidas as reclamações apresentadas no último comicio.»

A seguir, foi debatida a funesta idea do restabelecimento da pena de morte em Portugal, que tem dado motivo aos mais intensos protestos por parte de todos os delegados, visto constituir o projecto na forja o mais criminoso atentado contra a vida humana. Nêste sentido, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que nêste momento alguem procura apresentar um projecto tendente a restabelecer a pena de morte em Portugal, considerando que tal projecto representa um monstruoso atentado contra a vida humana; considerando que o operariado não pode ficar indiferente perante tam sinistro e bárbaro projecto, obra puramente da reacção, que infamemente procura entravar a marcha da humanidade; o Conselho Federal da U. S. O. do Pôrto, resolve:

1.º Lavrar o seu mais veemente protesto contra tam nefasto projecto;

2.º Solidarizar-se com a campanha iniciada pela *Batalha*, levando o seu protesto até onde as circunstâncias o exigirem.»

Todos os sindicatos devem realizar sessões de protesto. Por fim foi aprovado também um protesto contra o emprêgo de feijão, milho, batata e outros géneros de primeira necessidade nos jogos de Carnaval, facto êste que representa uma afronta feita à miséria em que vivem as classes trabalhadoras.

A classe tipográfica continua a agitar-se

Na terça-feira finda, voltou a reünir, em assemblea magna, a classe tipográfica, que traz pendentes as suas reclamações de carácter económico. A sala estava repleta e a custo se respirava. A reünião foi convocada para se apreciar a resposta que os industriais deviam dar à circular. Eles, porém, fugiram pela tangente de que ainda não tinham reünido para tal fim, mas prometendo fazê-lo o mais depressa possível, após o que dariam satisfação. A Casa do Povo respondeu que satisfaria as reclamações se os outros a atendessem; a assemblea, em face do exposto, esteve quási a proclamar a greve geral nas casas de obras mesmo naquela noite. Porém, após varia discussão, foi aprovada uma proposta pela qual os industriais teem um prazo de 4 dias para se pronunciarem, contrária ou satisfatòriamente.

No domingo, pelas onze horas da manhã, deve haver outra reünião magna, para a classe tipográfica resolver o caminho a seguir.

Na mesma assemblea foi aprovado o seguinte documento:

«A classe tipográfica do Pôrto, reünida em assemblea magna para tratar os seus interêsses económicos e morais, protesta veementemente contra o projecto estúpido que pretende restabelecer a odiada pena de morte.»

A' classe referida, foi distribuído profusamente um manifesto, do qual destacamos as seguintes passagens:

«Sabe muito bem a nossa consciência que o aumento de salário não é, de forma alguma, o cautério suficiente para a cura da nossa misérrima situação económica! Sabemo-lo. Mas também sabemos — e de sobejo — por dolorosa experiência, que somos obrigados a permanecer — transitòriamente, claro está — neste emaranhado ciclo vicioso em virtude da sordidez e do egoísmo característico dêstes tempos de ignóbil exploração.

Somos, a todo o momento, assediados com o elevado custo dos géneros mais restritamente indispensáveis à vida. ¿Não terão os gráficos, que se definham lentamente no desempenho da sua profissão, remorsos de, com a sua estúpida covardia, estar raquiticando, enfezando, os seus próprios filhos que àmanhã, apelidarão os seus progenitores de covardes? ¿Não terão pejo, ou vergonha, de estar ganhando o que presentemente aufere um aprendiz de qualquer outra indústria!!!

.....

Temos — custe o que custar! — de elevar os nossos minguados e irrisórios salários a fim de poder viver uma vida própria de homens — nanja de bestas!

Bonda de tanta estupidês e tantíssima ignorância!!»

— Por lapso esqueceu-nos mencionar que numa assemblea geral da Liga das Artes Gráficas fôra saüdada *A Batalha* e tirada uma quete que rendeu 4$05.

O que vai pelas classes têxteis — O regime das 10 horas para se não aumentar o salário — Os sabujos repelentes — Que miséria!

O que actualmente vai pelas classes têxteis é deveras vergonhoso e revoltante.

A' exploração ignóbil exercida pelos industriais, que jámais tiveram escrúpulos em afrontarem a miséria dos seus escravos e escravas, junta-se a estupidez e a sabugice indigna de algumas criaturas que, pelo facto de desempenharem um lugar de ridículo mandatário, se julgam já alguem e superiores aos seus outros irmãos de trabalho e de escravidão. Está-se num período de reclamações económicas, em conseqüência do encarecimento da vida, ao qual devem a sua cota parte os industriais de tecido. Ora, segundo informações que nos chegam à mão, e em conseqüência do Sindicato Unico da Indústria Têxtil igualmente andar a tratar do aumento do salário, alguns patrões de fábrica trataram logo de «indominar» os seus operários, que vivem na mais extrema das misérias. Assim, os roceiros da Fábrica de Tecidos de Campanhã conseguiram que o seu pessoal, tanto masculino como feminino, começasse a trabalhar 10 horas por dia, a título de remediar as agruras da constante carestia da vida. Não lhe aumentaram o salário, o que era justíssimo, deram-lhe mais horas, que pelo facto de as ganharem, já pensam que fizeram alguma coisa. Para admirar é que o pessoal — ao que parece todo êle não sindicado — seja tam lorpa que não viss a artimanha da proposta dos industriais, que, a um tempo, conseguem duas coisas: anular as oito horas de trabalho, o que é um atentado à lei, e não aumentar os ordenados aos seus escravos, os quais, ganhando mais uns míseros centavos à custa das duas horas a mais, não melhoraram de situação, mas pioraram: fazem mais sacrifício físico e o que auferem não chega para o recompensar. Como alguns operários e operárias da indústria têxtil estão tam bestializados e tam cegos, que não vêem que a sua burricada os conduz à mais desgraçada das escravidões, que um habitante dos sertões jámais admitiria!

Como os patrões se contentam ao contemplarem as suas bestas de carga, que se sujeitam, vilmente, às suas roubalheiras e chicotadas!... E' triste, mas é assim...

Na Empresa de Tecelagem Limitada sucedeu outro caso também interessante: os operários reclamaram melhoria de ordenado. Ora o encarregado, um tal João Figueiredo, de alcunha Toucinho — os sabujos teem sempre um *sobriquet* — não se preocupou que as caneleiras, dubadeiras e franjedeiras ganhassem desde $80 até 1$65. Como é quem superintende nos preços, quando não conhece uma letra do tamanho da tôrre dos Clérigos, trabalhou para que o aumento fôsse de $05 por dia, pois com êles podem, no fim da semana, comprar dois metros de cordel para, com êle, apertarem a garganta. Para os homens então, todo se espremeu para conseguir 10 %, que o generoso, ou generosos industriais, bufaram para os largar. E' uma ruína, como consideram o desgraçado e analfabeto, fâmulo asqueroso, e o patrão ou os patrões. Que chuchadeira e que escravizada classe, que tanto se deixa rebaixar, em vez de correr os patifes, *Toucinhos ou não*...

— Numa das correspondências, referimo-nos a um tal sabujo José Pinto, desta mesma empresa. E' preciso, porém, esclarecer que se trata do José Pinto que tem o apelido de *Pretinho*, não do outro José Pinto que há na mesma casa e é um bom camarada.

A União dos Sindicatos Operários e a especulação havida com os acontecimentos operários pró-aumento de salário — Esclarecendo

A nota oficiosa que a U. S. O. resolveu publicar, é a seguinte:

«A U. S. O. do Porto, como legítima representante do operariado organizado, constatando a propaganda decfetista que alguns indivíduos suspeitos veem realizando com intuitos, certamente, reservados e ainda a especulação que certa imprensa pretende fazer com os movimentos pró-aumento de salário em que algumas classes estão envolvidas, vem, no intuito de elucidar a opinião pública, justificar o «porquê» dêsses movimentos.

Não são, de certo, desconhecidas de ninguem as resoluções do comicio ultimamente realizado, resoluções essas que consistiam, sintetisando, em reclamar do govêrno a adopção rápida de medidas que promovessem a descida dos preços dos géneros indispensaveis à vida que atingiram o inverosimil, e, *ipso facto*, uma melhoria na situação económica das classes trabalhadoras, que se tornou insuportavel, porque, em caso contrario, e isto foi bem claramente definido numa moção que, segundo os jornais, foi aprovada por mais de 30.000 pessoas, e a que foi dada a maior publicidade — as classes não podendo por mais tempo arrostar com a vida de miséria que veem suportando ver-se-iam na contigencia de recorrer às lutas pró-aumento de salarios, que, sabemos, não resolvem o problema económico, mas que são sem duvida, o unico meio que as classes trabalhadoras possuem para atenuar a sua situação, quando os governantes fecham os olhos e a fúria de rapina se exterioriza pública e escandalosamente.

As medidas que os governantes adoptaram no sentido de satisfazerem os desejos do Povo do Pôrto, proclamado duma maneira bem significativa naquele imponente comicio, são bem conhecidos de todos: Mobilização do exército, cercos a cidades não sabemos com que fins, preparativos belicos para reprimir e sufocar uma «greve geral revolucionaria», que existe apenas na cabeças fantasiosas dos politicos da profissão. E é com todas estas medidas que os governantes teem correspondido aos desejos do povo.

Por sua vez o comercialismo, num gesto de revanche injustificavel, numa manifestação de ódio promovida pelos gritos de revolta dos seus espoliados no próprio dia do comicio aumentou ao preço dos artigos com que trafica demonstrando assim estar bem seguro da impunidade.

Em face disto verificaram as classes trabalhadoras: De um lado, a inércia, o desleixo, a incuria e a preocupação apenas pela politica, dos governantes; do outro, a furia lavradaz comercialesca, o roubo legalisado no balcão, em fim os tentáculos dum agigantado polvo a enlaçarem por completo o povo esfaimado.

E nesta congeminência, pregunta-se: quem possa responder: Que deviam fazer as classes trabalhadoras? Continuarem, passivamente, aguardando com indiferença que os seus verdugos tivessem dêles comiseração? Não podia ser.

Restava-lhe sòmento um recurso: — a reclamação de aumento de salário. Algumas classes deliberaram aproveitá-lo; outras certamente lhe seguirão o exemplo...

Não resolve êste meio o problema? Já afirmámos que não.

Mas em antes de se decidirem a fazerem uso dêle, as classes trabalhadoras vieram à praça pública reclamar dos governantes providências. Não foram atendidas nem sequer ouvidas.

Não devem, pois, causar estranhesa os atuais movimentos pró-aumento de salário, tanto mais que a responsabilidade da sua eclosão cabe a quem tem o dever de escutar e atender os clamores do Povo e a êles fecha os ouvidos».

O Sindicato Único da Indústria de Mobiliário e os acontecimentos

Na última reünião dêste organismo, foi tomado conhecimento das «démarches» realizadas pela comissão nomeada no conselho federal da U. S. O. junto do chefe do distrito, no sentido de reclamar a libertação dos operários presos por ocasião dos acontecimos de 4 do corrente, bem como a reabertura dêste sindato. Informada a assemblea de que o sr. governador civil prometera, sob sua palavra de honra, envidar todos os esforços no sentido de libertar os presos e reabrir no mais curto espaço de tempo as pedes dos sindicatos da Construção Civil e Mobiliário, passou-se à discussão das diligências efectuadas para o conseguimento do aumento de salário há dias reclamado. Foi constatada a adesão de alguns industriais, esperando-se por idêntica atitude de outros.

O que disse o chefe do distrito a uma comissão operaria

A comissão nomeada na U. S. O. para ir junto do governador civil tratar da situação dos presos e da reabertura dos sindicatos encerrados, entrevistou-se ontem com aquela autoridade, prometendo esta, sob a sua palavra de honra, conceder a permissão dos ditos sindicatos poderem abrir as suas portas, tam depressa quanto puder... e quizer, acrescentamos nós. Quanto aos presos serão postos em liberdade os que não tiverem responsabilidade, que talvez sejam todos. Não é favor nenhum...

Fôram já soltos os seguintes presos: Joaquim Serafim dos Santos, Joaquim Pereira da Silva e António Moreira dos Santos. Até vêr...

Desastre

Depois de pensada no pôsto da Cruz Vermelha da Junqueira, recolheu à enfermaria de Santa Emília Mercês Gonçalves, de 18 anos, operária fabril, natural de Lisboa e residente no Casalinho da Ajuda, que no chafariz da Tapada de Ajuda ficou muito ferida com vidros de um garrafão que se partiu.

Atingido por um coice

Na sala de observações do banco do hospital de S. José, recolheu ontem Sinfronio dos Santos, de 56 anos, cocheiro, natural de Vilar, residente na rua Maria Pia, 65, loja, que foi atingido pelo coice de um cavalo, ficando muito ferido na cabeça.

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Almada

10 DE JANEIRO

No Sindicato Único Metalúrgico

Reüniu no Sindicato Único Metalúrgico o pessoal da firma Parry & Sons, para apreciar a resposta às reclamações de aumento de salário. Usou em primeiro lugar da palavra o camarada Sardinha, que declarou ter o industrial afirmado não dar aumento por não ter lucros, e que os caminhos de ferro do Sul e Sueste desde Janeiro que não lhe pagavam, indo por isso entregar as obras a empresas particulares.

Falaram ainda vários camaradas, entre êles Carlos Marques, que apresentou uma proposta para que se notifique a Parry & Sons que o sindicato está apto a tomar conta de qualquer trabalho da sua especialidade.

Falou também o secretário geral da U. S. O., que fêz uma exposição do sindicalismo revolucionário. Referiu-se ao assunto da proposta de Carlos Marques, dizendo que o sindicato devia reünir os técnicos de tôdas as especialidades, elaborando depois uma exposição escrita e enviá-la ao patrão, afim de demonstrar que os operários estão aptos a tomarem conta da produção.

Foi aprovado que a proposta baixasse à comissão administrativa para esta lhe dar o andamento necessário.

Deliberou-se aguardar o resultado das novas *demarches*.

No fim foi aprovada uma moção de protesto contra a pena de morte.

Olhão

8 DE MARÇO

A página especial de «A Batalha»

Foi aqui muito bem recebida *A Batalha* de 4 do corrente pela página especial dedicada a esta localidade, com algumas fotografias da terra.

Nesse dia teve aqui *A Batalha* uma venda admiravel, deixando a sua leitura entusiasmado o povo olhanense.

Os reaccionários e toda a casta de parasitas que por aqui abundam é que não gostaram..

Uma proeza clerical

Acabamos de saber que os proprietários do cêrco denominado *Batareu*, um dos quais é conhecido por «Boquinhas», retiraram da parte do pessoal marítimo daquele e sem êste saber, a importância de 100$00 a pedido do célebre padre Delgado, para custear as despesas feitas com a última festa da *Nossa Senhora do Rosario*.

Isto demonstra como os representantes da igreja católica praticam a sua doutrina: *vigarizando e roubando* os infelizes ingenuos e ignorantes que assim se deixam arrastar por tais patifes. Os senhores armadores não contentes com a ignóbil exploração que exercem sôbre os marítimos ainda os roubam descaradamente, ilegalmente, com menos sencerimonia do que os gatunos de estrada. E' bom que a classe marítima vá vendo tudo isto e compreendendo a falta que lhe faz a sua organização.

Um caso significativo

Sentou-se há pouco tempo no respectivo banco dos reus do tribunal daqui, um pobre cego de nome Amador de Sousa Luzia, por ter sido multado pelo fiscal das praças Guilherme — conhecido pelas suas proezas de *ferrabraz* — pelo facto de aquele ter conservado umas aguas numas dornas junto à sua residência. Entretanto e a despeito da sua fiscalização, as praças — principalmente a do peixe — encontram-se imersas em imundicie sem que aquele *figurão* previdencie como lhe compete. E são todos assim, estes insignes servidores do Estado...—C.

NA FEIRA DE ST.ª CLARA

UM NOVO ASSALTO

Em tempo normal pagavam os expositores de artigos diversos, um centavo por metro quadrado do terreno que ocupavam com a fazenda esposta; a vida encareceu e a zelosa Câmara aumentou para 5 centavos cada metro. Sempre insaciável, a bondosa Câmara, há cerca de 3 meses aumentou para 10 centavos o metro. Nessa altura, compreendendo a exorbitância do aumento, nos primeiros dias, em que fizeram essa cobrança, fizeram-se os cobradores acompanhar por um piquete de polícias e um contingente de empregados, isto, para com facilidade abafar o protesto de alguma vítima que se não conformasse logo à primeira com o audacioso assalto. Ainda se ouvem protestos do último aumento, e já os empregados avisam que em muito breve vão pagar 20 centavos por metro quadrado. E' assim, que os vereadores querem contribuir para baixar a carestia da vida? Pois não sabem que há pobres criaturas que a fazenda que levam para a feira pouco mais vale do que 20 centavos e a algumas nem isso vale?! ..

Este aumento sobe à pequena bagatela de 1000 % — o que é bastante respeitavel, para quem falsamente diz querer contribuir para o equilibrio económico... Os srs. vereadores o que demonstram é estar empenhados em desequilibrar a caranguejola social, cada vez mais. Faço votos para que a vossa obra seja um facto, dentro em breve, para receberem o correctivo que merecem e que será a liquidação das vossas dívidas, acrescidas dos competentes juros.

Sacavem, 9 de Março.

Alberto Júlio das Neves.

«A BATALHA»

no Barreiro vende-se na leitaria *Lá Vai*, Rua Joaquim António de Aguiar

TEATROS & CINEMAS

Notícias

A peça *A Vida*, de Artur Cohen, que no dia 18 sobe à scena em S. Carlos, tem o seguinte desempenho feminino: «Regina», Berta Bivar; «Paulina», Angela Pinto; «Guida», Maria Emília; «Marta», Celeste Leitão; «Catarina», Isabel Berard; «Maria», Maria Prata.

— Os titulos dos quadros da nova revista *Buena, dicha* a subir à scena no próximo dia 22, são os seguintes:

1.º Por artes magicas; 2.º E' entrar meus senhores; 3.º Marionettes; 4.º Campo de manobras; 5.º Apoteose; 6.º Quem vê caras; 7.º Outros tempos; 8.º Apoteose.

— Em todas as récitas da Companhia Pierat tem estado fixado na bilheteira do Nacional, o aviso de que «Não há bilhetes na casa».

— Entre as peças de grandioso êxito representadas pela Companhia Ruas, no Pôrto, há uma grande fantasia, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, intitulada *A Vida*, que a empresa do Apolo conta também fazer representar em Lisboa.

— Despede-se àmanhã, no Nacional, a companhia francesa dando em matinée e 3.ª recita extraordinária a peça *Amoreuse*, de Georges de Porte Riche, e à noite, em última récita de assinatura ordinária, *Aimer*, de Feul Geraldy. Nessa peça entram apenas três personagens: Marie Théreze Pierat, no papel de *Helene*; Camille Bert, no papel de *Henri* e Allain Dhurtal no de *Challange*.

— A Companhia Portuguesa reaparece na segunda-feira, com *A carta anonima*, que estava em pleno êxito, no elegante teatro.

— São de Campos e Oliveira, feitos sobre esquissos de José Pacheco e Bernardo Marques, os scenarios da peça *A casaca encarnada*, de Vitoriano Braga, que no proximo dia 15 sobe à scena pela primeira vez, no teatro Politeama, em récita do talentoso actor Erico Braga. No peça entram este artista, a ilustre actriz Lucilia Simões, Brunhilde Caruson e Ribeiro Lopes.

Reclames

A Companhia Francesa de Madame Piérat continua sendo o grandioso acontecimento artístico da actualidade. Hoje, em 2.ª récita de assinatura ordinária, representa a peça de Maurice Maeterlinck, *Monna Vanna*, tendo a seu cargo a gentil e talentosa actriz Piérat a parte de protagonista e estando a de *Marco*, confiada ao distinto actor Lugné Poe.

A *Monna Vanna* tem a seguinte distribuïção: «Monna» Marie Therese Piérat; «Guide», Camille Bert; «Prinzivalle», Allain Dhurtal; «Trivulzie», Camille Corney; «Borze», M. Carme; «Torelle», Georges Raoul; «Vedio», Mademoiselle Laurey.

— No teatro Apolo apresenta-se hoje a Companhia Ruas com a estreia da revista fantasia *Belo Sexo*, que no Pôrto obteve o mais brilhante êxito. Pelo que disseram os nossos colegas portuenses, trata-se duma obra deveras espirituosa, muito animada, cheia de colorido e que é explendidamente apresentada pelo desempenho, pelos scenários e também pelo guarda roupa.

— O *Amor, a quanto obrigas*, que tem sido um dos grandes sucessos do Politeama, tem esta noite no mesmo teatro a sua ante-penúltima representação. Aviso para quem ainda não viu esta fábrica de gargalhadas.

— *Giga-Joga*, a nova revista do Salão Foz, foi acolhida com muito agrado. E' uma peça espirituosa, que mantem os bons créditos de Lino Ferreira que, desta vez, se nos apresentou, acompanhado do distinto poeta António Carneiro. *Giga-Joga* tem abuadantes ditos de espírito, critica leve, que não magoa e é muito animada, com uma numerosa diversidade de grupos. A música de Filgueiras e Hugo Vidal amolda-se, perfeitamente, ao que se propôs.

— A melhor peça em scena actualmente é a opereta *Phi-Phi*, que tôdas as noites se representa no Avenida.

— E' àmanhã que a companhia infantil faz no teatro dos Anjos a sua despedida, levando em 1.ª representação as operetas *O Negrito* e *Amores de marinheiro* e 2 actos de variedades. E' completado o espectáculo com a exibição de fitas de sensação.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL. — A's 21. — Companhia Francesa — «Monna Vanna».
S. LUÍS — A's 21 — «Amor de máscara».
POLITEAMA. — A's 21,30 — «Amor, a quanto obrigas».
CHIADO TERRASSE. — A's 21. — «4038 Lx.»
AVENIDA. — A's 21,15 — «Phi-Phi».
SALÃO FOZ. — A's 20,30 e às 22,30 — «Giga-Joga».
COLISEU DOS RECREIOS. — A's 21 — Estreia da nova Companhia de Circo e Variedades.
APOLO. — A's 21 — «Belo Sexo».
GIL VICENTE — A's 21 — Domingos, segundas e quintas-feiras a revista «Pim-pam-pum».
CONDES (Avenida). — Animatógrafo.
PROMOTORA (ao Calvário). — Animatógrafo.

"Peroxhydril"
A melhor água oxygenada. A' venda em todas as farmácias e drogarias.
Fabricantes: Bandeira de Melo, Ltd.ª

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção da Livraria de *A Batalha*, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 6$50. Pelo correio registada 6$90.

Agentes em Lisboa:
SERRA, NEVES & ESTEVES
Rua Eugénio dos Santos, 140, 2.º
Onde podem examinar a boa colecção de todos os artigos para homem e senhora

LANIFICIOS

Não confundir. E' o actual proprietário da antiga e bem conhecida casa Jerónimo Matos Pintasilgo, que vem lembrar mais uma vez ao consumidor, a conveniência de fazer as suas compras directamente ao fabricante, pois que o intermediário absorve largos e fabulosos interêsses os quais são prejudiciais ao consumidor. E como adquirir-se um corte de calça, fato ou vestido barato?...
Um simples postal dirigido a JAIME PINTASILGO — COVILHÃ, lhe será enviada uma colecção na volta do correio e, no caso de qualquer escolha, nos postais que envia junto às amostras, indicar o n das escolhidas e será logo enviada a encomenda na volta do correio contra reembolso quando não seja o pedido acompanhado da importância.
Todas as despesas de transporte, de amostras e encomendas, são de conta da casa.
O proprietário desta casa pede o especial favor de confrontarem a colecção em preços, qualidades e bom gosto, pois que não terá outra igual, que para isso tem o maior cuidado e escrúpulo.
Não confundir: Peçam amostras a JAIME PINTASILGO

Não tenham dúvida: os mais baratos são os da casa
Jaime Pintasilgo
FABRICANTE DE LANIFICIOS
COVILHÃ

Serviço de livraria DE A BATALHA

Na Administração dêste diário operário encontram-se à venda tôdas as obras de educação profissional, de sciência, filosofia, sociologia, higiene e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se tôdas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais ∂l para registo.

Auxilia-se *A Batalha*, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao **Serviço de livraria de «A BATALHA».**

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR
Lisboa—Portugal

ASSALTOS, GREVES E TUMULTOS
ÚTIL A TODOS

A MUNDIAL, mercê de contratos firmados com as mais poderosas Companhias de resseguros estrangeiras, está actualmente em condições de efectuar estes seguros, que tanto lhe teem sido solicitados pela sua numerosa clientela.

Dirigir pedidos e informações à

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital 500:000$00—Reservas: 640:696$14,7
SEDE EM LISBOA — Rua Garrett, 95—Tel. 4084
DELEGAÇÃO NO PORTO — R. Sá da Bandeira, 331, 1.º — Tel. 1459

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rápidamente

Catarros, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de tôdas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores;
2.º E' usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentaria e por tôdas as pessoas que teem de suportar óculos duvidosos porque as defende de contágios perigosos;
3.º São usadas pelas pessoas edosas, pelas asthmaticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sonos reparadores seguidos;
4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, aclara a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o canoro e o catarro gastrico;
6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenage cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em tôdas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, tal como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1$00

Depósito dos preparados com sêlo VITERI:
Vicente Ribeiro & C.ª Suc.s
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

ARMAZEM APOLO
30, Rua do Amparo, 34
BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele armazem, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de
Chapelaria e Sapataria

Chapelaria A SOCIAL
Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapeus, lisos e mescias em côres lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes extrangeiros
GRANDE NOVIDADE
Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL
ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÁO
Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º
ESTABELECIMENTOS
Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58
Fábrica de bonets
Chapeu modelo Jaurès (Exclusivo)

Maquinas e ferramentas
Para as indústrias, para a agricultura e para as colónias

Instalações completas de:
Fábricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração, carpintaria, ceramica, conservas, fiação, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras industrias.
Lagares de azeite «PIETRO VERACI».
Motores a gaz pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».
Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Detour»—Os tractores que obtiveram o 1.º premio e medalha de ouro no concurso de Lincoln em competencia com 38 outros concorrentes.
Locomoveis, com fornalha propria para queimar lenha, «PAXMAN».
Motores a oleos pesados «DIESEL» e SEMI-DIESEL».
Jogos de debulha «PAXMAN».
Enfardadeiras «STEPHENSON».
Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de tôdas as fôrças.
Ceifeiras, gadanheiras, «DEERING».
Respigadores e grades de dentes de mola.
Cultivadores e semeadores «PLANET».
Corta-fenos simples e para ensilagem.
Trituradores para rações e cereais.
Desintegradores «CARTER».
Bombas centrifugas, aspirante-prementes rotativas, Columbia, de jarro e relogio.
Bombas «Worthington» e «giffards» para alimentação de caldeiras.
Bombas de trasfega «NOEL».
Desnatadeiras e batedeiras «ANGELUS».
Crivos selecionadores «Marot».

Acessorios para tôdas as debulhadoras e ceifeiras
Redes de aço para escovadores.
Carrinhos de mão para sacos.

Tubos de aço para caldeiras fixas e locomoveis
Magnetos e alumagens para motores.
Aparelhos diferenciais e mandris.
Lubrificadores de todos os sistemas.

Oleos, correias e empanques
Ferramentas para as industrias.
Tornos, limadores, máquinas de frezar, furar e atarrachar «DANISH».

Instalações completas de luz e fôrça motriz

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.mos clientes a visitar os nossos armazens

Fornecem-se propostas e orçamentos
Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.da
Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa
LISBOA

O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA
—: DE :—
JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO
37, Rua de Alcantara, 37 ● Sucursal: 111, Rua do Livramento, 113
LISBOA
COMPRA, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos
Palha de milho, K.º $45 ctvs., fina, K.º $75 ctvs., centeio, K.º $350
5 o/o de desconto aos assinantes de A BATALHA

A' grande Baixa de Calçado
a Sapataria Social Operária
Sapatos em calf-preto para senhora a . . . . . 11$00
Sapatos em verniz todos os modêlos a . . . . . 20$00
Botas calf-preto grande saldo 21$00
Botas calf-preto com duas solas . . . . . 22$50
Grande saldo de botas pretas para homem . . . . . 17$00
Grande saldo de botas brancas . . . . . 16$15
Um colossal sortimento em calçado para crianças
Grande saldo de botas de côr para homem a 23.00
Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom
18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

A COMUNA
Semanário Comunista Libertário
Redacção e Administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Trabalhadores! Lêde e propagai A BATALHA

Histoire des Bourses du Travail
Origine—Institutions—Avenir
por Fernand Pelloutier com um prefácio de George Sorel e uma nota biográfica de Vitor Dave.
Preço 7 francos—Sete escudos.—A' venda na Administração de *A Batalha*.

Companhia Nacional de Navegação
Linha regular de três em três semanas, entre a Metrópole e as Colónias Portuguesas
Vapor PORTUGAL
Sairá no dia 15 do Março para Funchal, Las Palmas, S. Vicente, Praia, P. Pó, Principe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, Cuio, B. Velha, (Ambrizete, Quissanga, Boma, Noqui, Matadi, Landana, Mucula e Musserra com transbordo em Loanda) Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossâmedes, B. dos Tigres e P. Alexandre.
Para carga, passagens e mais esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da
Companhia Nacional de Navegação
EM LISBOA: R. do Comércio, 85
NO PORTO: R. da Nova Alfândega 42

Obras de literatura, sciência e ensino
(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima.—Educação e ensino	1$00
Alfred Binet.—A alma e o corpo	2$50
Alfredo Neves Dias.—Razão (poemeto social)	$05
Benedetti.—Arte de estudar	1$50
Benuzzi.—Criação e vida	$60
Bruyssel.—A vida social	2$50
Celestino de Sousa:	
Através da História	$60
Movimentos revolucionários	$60
Clemence Jacquinet.—História Universal (2 vol.)	4$00
Colson:	
Organismo económico e desordem social	2$50
Dantec:	
A sciência e a vida	2$50
Mecânica da vida	1$00
Dastre.—A vida e a morte	2$50
Denoy.—Descendemos do macaco?	$60
Deshumbert:	
Jesus de Nazaré—A moral da Natureza	$60
Ernesto da Silva. — Teatro livre e Arte social	$05
Faguet:	
Iniciação filosófica	2$00
Iniciação literária	3$00
Arte de lêr	1$50
Horror das responsabilidades	1$50
Faria de Vasconcelos: — Problemas escolares	5$00
Flamarion:	
Iniciação astronómica	2$00
Astronomia popular	$60
Curiosidades astronómicas	$60
Contos de luar	1$00
Gorki:	
Os degenerados	1$00
Os vagabundos	1$00
Scênas de família (teatro)	1$00
Ibsen—Os espectros (teatro)	1$00
Jaime Cortesão.—Adão e Eva (teatro)	3$00
Jean Gruet.—A vida do direito	2$50
Jean Finot: — A Sciência da Felicidade	$60
Laisant.—Iniciação matemática	2$00
Le Bon.—Evolução geral da vida	$60
Luiz Buchner:—Na aurora do século XX	$60
Malvert:	
Sciência e Religião	2$50
Manuel Ribeiro:	
A Catedral	3$00
Imperiosa verdade	$20
O sentido de viver (versos)	1$00
Mirbeau:	
O Jardim dos Suplicios	1$50
Memórias duma criada de quarto	3$00
Nono Vasco.—O Pecado de Simonia	$50
Reinach.—História das religiões	$60
Spencer:—A justiça	2$50
Strauss.—A velha e a nova fé	1$50
Timotheon:—Não creio em Deus	$60
Tolstoi:	
Sonata de Kreutzer	1$00
O conto do cisne	1$00
Ultimas palavras	2$00
Tomás da Fonseca: — Sermões da Montanha	2$00
Toulouse.—Como se deve educar o espirito	2$00
Vitor Hugo:	
França e Belgica (2 v.)	5$00
Han d'Islandia (2 vol.)	3$00
Noventa e três (2 vol.)	3$00
O homem que ri (3 vol.)	4$50
O Reno (3 v.)	4$50
O último dia de um condenado	1$50
Zola:	
Fecundidade	4$00
Derrocada	6$00
Lourdes	4$00
Alegria de viver (2 vol.)	3$00
A conquista de Plassans (2 vol.)	3$00
A fortuna dos Rougons (2 vol.)	3$00
O sr. ministro	3$00
A taberna (3 v.)	6$00
Paraíso das Damas (2 vol.)	3$00
Tereza Raquim	1$50
Terra	3$00

FORMIOL
TONICO MUSCULAR
REGISTADO

Medicamento de êxito notável na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, avivando a memória e evitando a neurastenia. Os seus maravilhosos efeitos são absolutamente garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, suores nocturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, raquitismo, afecções osseas, digestões laboriosas e fraqueza senil. Tonico por excelencia do sistema nervoso e muscular, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiológica, traduzindo-se o seu efeito no aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao sport têm em absoluta necessidade de fazer uso do Formiol com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças. A distinta classe medica faz uso pessoal e na sua clinica deste superior medicamento, assim como milhares de pessoas

que se teem tratado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não tem dieta. A' venda em tôdas as boas farmácias e drogarias. Preço: 5 escudos. Correio até 2 frascos, mais 50 centavos.

Depositários em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 61; Azevedo, Rocio, 31; Quintans, R. da Prata, 193.—Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. — Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. — Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericórdia, 121.—Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. — Braga: Instituto Galénico, Praça do Conde d'Agrolongo, 23 — Evora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 33 — Faro, Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50 — AFRICA OCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. Ganera i Calheiros. — Loanda: Serra, Annes & Irmão.—Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano
57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

Quereis o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico?
Levae-o ao
33 de S.to André
actualmente
Largo Rodrigues de Freitas, 33
(em frente do chafariz)
OFICINA DE RELOJOEIRO E OURIVES
— DE —
ALVES D'ANDRADE, L.da

Nicolau Gomes Correa
ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alemtejana. Casacos para senhora já confeccionados.
—AVIAMENTOS— PARA ALFAIATES
Rua dos Fanqueiros, 255

Estas doenças...

que tanto atacam as crianças, tornando-as feias e às vezes repelentes, curam-se com
"VITERADIUM"
E' o mais recente remédio para: eczemas, empingens, queimaduras, comichão, borbulhagem, gretaduras e todas as afecções da pele em geral.
Tubo, 5$00. Pelo correio, mais $30
Depósito:
VICENTE RIBEIRO & C.ª
SUCESSORES
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D.

Publicações sociológicas
(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

		Pelo correio
Adelino de Pinho.—Quem não trabalha não come	$50	$55
Adolfo Lima. — O contrato do trabalho	2$00	2$50
Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres	$20	$25
Berthelot. — O Evangelho da Hora	$10	$15
Briand.—A greve geral	$12	$15
Campos Lima. — O movimento operário em Portugal	1$00	1$10
Carlos Rates.—A ditadura do Proletariado	$40	$45
Carneiro de Moura. — A mulher e a civilisação	1$50	1$60
Cesar Ferraris. — Os partidos politicos	$60	$70
Charles Albert.—O amor livre	1$00	1$10
Content.—Contra o confusionismo	$10	$15
Delaisi.—Os financeiros, os politicos e a guerra	$10	$15
Domela Nieuwenhuis.—Pátria e Humanidade	$02	$05
Dufour.—O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)	2$00	2$20
Emilio Costa.—Acção directa e acção legal	$05	$08
Etievant.—A minha defesa	$10	$15
Fraser.—A Rússia vermelha	2$50	2$80
Fabra Ribas.—O socialismo e o conflito europeu	1$00	1$15
Griffuelles.—A acção sindicalista	$50	$55
Guilherme de Greef.—As leis sociológicas	1$00	1$15
Gustavo Molinari.—Problemas sociais	$60	$70
Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção	1$50	1$65
Hamon:		
A conferência da Paz e a sua obra	1$50	1$65
As lições da guerra mundial	5$00	5$25
O movimento operário na Gran-Bretanha	1$50	1$65
Psicologia do militar profissional	1$50	1$65
Psicologia do socialista-anarquista	1$50	1$65
A Crise do Socialismo	$40	$45
Henriete Roland. — A Rússia nova	$12	$15
Jean Grave:		
A Anarquia-Fins e meios	5$50	5$75
A Sociedade Futura	1$50	1$70
O individuo e a Sociedade	1$00	1$15
José Carlos de Sousa.—A propriedade privada	$20	$25
José T. Lorenzo.—Maximalismo e Anarquismo	$20	$25
Jules Guesde.—A lei dos salários	$12	$15
Krapotkine:		
A Anarquia, sua filosofia e seu ideal	$50	$65
A Grande Revolução (2 vol.)	3$00	3$30
A moral anarquista	$12	$15
A' Mocidade	$20	$25
Sindicalismo e Parlamentarismo	$02	$05
Os bastidores da guerra	$05	$08
Lagardelle:		
Sindicalismo e Socialismo	$50	$55
Landauer:		
A Social Democracia na Alemanha	$05	$08
Leone—O Sindicalismo	1$00	1$10
Malatesta:		
A política parlamentar no movimento socialista	$05	$08
O programa socialista-anarquista revolucionário	$10	$15
Entre camponeses	(grátis)	
No café	$20	$25
Manuel Ribeiro.—Na linha de fogo	$60	$70
Marx.—O Capital	1$50	1$65
Naquet.—A caminho da união livre	1$50	1$65
Nietzche:		
Anti-Cristo	1$00	1$10
Genealogia da moral	1$00	1$10
Novicow. — A emancipação da mulher	1$50	1$65
Pataut e Pouget.—Como faremos a revolução	1$20	1$35
Perfeito de Carvalho.—Notas e comentarios	$50	$60
Pouget:		
A Confederação Geral do Trabalho	$50	$60
Prat.—A Burguesia e o Proletariado	$05	$08
Ricardo Mella:		
O principio do fim	$05	$08
Rossi.—A sugestão e as multidões	$60	$70
Russumano.—A escravidão social da mulher	$60	$70
Santos.—A transformação da sociedade pelo sindicalismo	$15	$18
Sebastião Faure.—Doze provas da inexistência de Deus	$50	$60
Tolstoi:		
Pão para a bôca	$50	$60
Ao cléro	1$00	1$10
Trostky.—Constituição politica da republica dos Sóvietes	$12	$15
Um de nós:		
A canalha	$50	$60
Vandervelde. — O colectivismo e a evolução industrial	1$20	1$40

A Crise do Socialismo
Brochura de grande actualidade
por AUGUSTIN HAMON
Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.
Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.
PREÇO $40